

TRATADO DE PSICOLOGÍA REVOLUCIONARIA

V.M. SAMUEL AUN WEOR

ÍNDICE

PREFÁCIO

CAPÍTULO I O NÍVEL DO SER

CAPÍTULO II A ESCADA MARAVILHOSA

CAPÍTULO III REBELDIA PSICOLÓGICA

CAPÍTULO IV A ESSÊNCIA

CAPÍTULO V ACUSAR A SI MESMO

CAPÍTULO VI A VIDA

CAPÍTULO VII O ESTADO INTERIOR

CAPÍTULO VIII ESTADOS EQUIVOCADOS

CAPÍTULO IX ACONTECIMENTOS PESSOAIS

CAPÍTULO X OS DIFERENTES EUS

CAPÍTULO XI O QUERIDO EGO

CAPÍTULO XII A MUDANÇA RADICAL

CAPÍTULO XIII OBSERVADOR E OBSERVADO

CAPÍTULO XIV PENSAMENTOS NEGATIVOS

CAPÍTULO XV A INDIVIDUALIDADE

CAPÍTULO XVI O LIVRO DA VIDA

CAPÍTULO XVII CRIATURAS MECÂNICAS

CAPÍTULO XVIII O PÃO SUPERSUBSTANCIAL

CAPÍTULO XIX O BOM DONO DE CASA

CAPÍTULO XX OS DOIS MUNDOS

CAPÍTULO XXI OBSERVAÇÃO DE SI MESMO

CAPÍTULO XXII A CONVERSA

CAPÍTULO XXIII O MUNDO DAS RELAÇÕES

CAPÍTULO XXIV A CANÇÃO PSICOLÓGICA

CAPÍTULO XXV RETORNO E RECORRÊNCIA

CAPÍTULO XXVI AUTOCONSCIÊNCIA INFANTIL

CAPÍTULO XXVII O PUBLICANO E O FARISEU

CAPÍTULO XXVIII A VONTADE

CAPÍTULO XXIX A DECAPITAÇÃO

CAPÍTULO XXX O CENTRO DE GRAVIDADE PERMANENTE

CAPÍTULO XXXI O TRABALHO ESOTÉRICO GNÓSTICO

CAPÍTULO XXXII A ORAÇÃO NO TRABALHO

PREFÁCIO

O presente «Tratado de Psicologia Revolucionária» é uma nova Mensagem que o Mestre outorga aos irmãos tendo como motivo o Natal de 1975. É um Código completo que nos ensina a matar defeitos.

Até agora o estudantado se conforma em reprimir os defeitos, algo assim como o chefe militar que se impõe perante seus subordinados, pessoalmente fomos técnicos em reprimir defeitos, porém chegou o momento em que nos vemos obrigados a dar-lhes morte, a eliminá-los, valendo-nos da técnica do Mestre Samael, quem, de forma nítida, precisa e exata, nos dá as chaves.

Quando os defeitos morrem, além de expressar-se a Alma, com sua imaculada beleza, tudo muda para nós, muitos perguntam como fazer quando vários defeitos afloram ao mesmo tempo e a eles lhes respondemos que eliminem uns e que os outros esperem; podem reprimir esses outros para mais tarde eliminar.

No PRIMEIRO CAPÍTULO nos ensina como mudar a página de nossa vida, romper: ira, cobiça, inveja, luxúria, orgulho, preguiça, gula, desejo, etc. É indispensável dominar a mente terrena e fazer girar o vórtice frontal para que este absorva o eterno conhecimento da mente Universal. Neste mesmo capítulo nos ensina a examinar o nível moral de Ser e mudar este nível. Isto é possível quando destruímos nossos defeitos.

Toda mudança interior traz como consequência uma mudança exterior. O nível de Ser de que trata o Mestre nesta obra refere-se à condição em que nos encontramos.

No SEGUNDO CAPÍTULO, explica que o nível de Ser é o degrau onde nos encontramos situados na escala da Vida, quando subimos esta escada, então progredimos, porém, quando permanecemos estacionados, nos produz aborrecimento, falta de vontade, tristeza, pesar.

No TERCEIRO CAPÍTULO, nos fala sobre a rebeldia Psicológica e nos ensina que o ponto Psicológico de partida está dentro de nós e nos diz que o caminho vertical ou perpendicular é o campo dos Rebeldes, dos que buscam mudanças imediatas, de tal sorte que o trabalho sobre si mesmo é a característica principal do caminho vertical; os humanoides caminham pelo caminho horizontal na escada da vida.

No QUARTO CAPÍTULO, determina como se produzem as mudanças; a beleza de uma criança obedece ao fato de não ter desenvolvido seus defeitos e vemos que conforme estes vão se desenvolvendo na criança, vai perdendo sua beleza Inata.

Quando desintegramos os defeitos, a Alma se manifesta em seu esplendor e isto o percebem as pessoas a olho nu, ademais a beleza da Alma é a que embeleza o corpo físico.

No CAPÍTULO QUINTO, nos ensina o manejo deste ginásio Psicológico e nos ensina o método para aniquilar a feiura secreta que levamos dentro de nós (os defeitos); nos ensina a trabalhar sobre nós mesmos para lograr uma transformação Radical.

Mudar é necessário, porém as pessoas não sabem como mudar, sofrem muito e se contentam em colocar a culpa nos demais, não sabem que unicamente eles são os responsáveis pelo manejo de sua Vida.

No CAPÍTULO SEXTO, nos fala sobre a vida, nos diz que a vida resulta de um problema que ninguém entende: Os estados são Interiores e os eventos são Exteriores.

No CAPÍTULO SÉTIMO, nos fala sobre os estados Interiores e nos ensina a diferença que existe entre os estados de consciência e os acontecimentos exteriores da vida prática.

Quando modificamos os estados equivocados da consciência, isto origina mudanças fundamentais em nós.

-

Fala-nos no NONO CAPÍTULO sobre os acontecimentos pessoais e nos ensina a corrigir os estados Psicológicos equivocados e os estados interiores errôneos, nos ensina a pôr ordem em nossa desordenada casa interior; a vida interior traz circunstâncias exteriores e, se estas são dolorosas, devem-se aos estados interiores absurdos. O exterior é o reflexo do interior, a mudança interior origina de Imediato uma nova ordem de coisas.

Os estados interiores equivocados nos convertem em vítimas indefesas da perversidade humana. Nos ensina a não nos identificarmos com nenhum acontecimento, recordando-nos que tudo passa; devemos aprender a ver a vida como um filme e no drama devemos ser observadores, não nos confundir com o drama.

Um de meus filhos tem um Teatro onde se exibem os filmes modernos e este enche quando trabalham artistas que se distinguiram com Oscars; Um dia qualquer meu filho Álvaro me convidava a um filme onde trabalhavam artistas com Oscars, ao convite respondi que não podia assistir, porque estava interessado em um drama humano melhor que o de seu filme, onde todos os artistas eram Oscars; ele me perguntou: “qual é esse drama?”, e eu lhe respondi: “o drama da Vida”; ele continuou, “mas nesse drama todos

trabalhamos” e lhe manifestei: “eu trabalho como observador desse Drama.”; “por quê?”; lhe respondi: “porque eu não me confundo com o drama, faço o que devo fazer, não me emociono nem me entristeço com os acontecimentos do drama”.

No CAPÍTULO DÉCIMO, nos fala sobre os diferentes eus e nos explica que na vida interior das pessoas não existe trabalho harmonioso por ser uma soma de eus, por isso tantas mudanças na vida diária de cada um dos atores do drama: ciúmes, sorrisos, prantos, raiva, susto, essas características nos mostram as mudanças e alterações tão variadas a que nos expõem os eus de nossa personalidade.

No CAPÍTULO ONZE, nos fala sobre nosso querido Ego e nos diz que os eus são valores psíquicos, já sejam positivos ou negativos e nos ensina a prática da auto-observação interior e assim vamos descobrindo muitos eus que vivem dentro de nossa personalidade.

No CAPÍTULO DOZE, nos fala da Mudança Radical, ali nos ensina que não é possível mudança alguma em nossa psique sem observação direta de todo esse conjunto de fatores subjetivos que levamos dentro.

Quando aprendemos que não somos um, senão muitos dentro de nós, vamos no caminho do autoconhecimento. Conhecimento e Compreensão são diferentes, o primeiro é da mente e o segundo é do coração.

CAPÍTULO TREZE, Observador e observado, ali nos fala do atleta da auto-observação interna, que é aquele que trabalha seriamente sobre si mesmo e se esforça em afastar os elementos indesejáveis que carregamos dentro.

Para o autoconhecimento, devemos nos dividir em observador e observado, sem esta divisão jamais poderíamos chegar ao autoconhecimento.

No CAPÍTULO CATORZE, nos fala sobre os pensamentos Negativos; e vemos que todos os eus possuem inteligência e se valem de nosso centro Intelectivo para lançar conceitos, ideias, análise, etc., o que indica que não possuímos mente individual; vemos neste capítulo que os eus abusivamente usam nosso centro pensante.

No CAPÍTULO QUINZE, nos fala sobre a Individualidade. Ali se dá conta a pessoa que não temos consciência, nem vontade própria, nem individualidade. Mediante a auto-observação íntima podemos ver as pessoas que vivem em nossa psique (os eus) e que devemos eliminar para lograr a Transformação Radical, posto que a individualidade é sagrada. Vemos o caso das Mestras de escola que vivem corrigindo as crianças toda

a vida e assim chegam à decrepitude, porque também se confundiram com o drama da vida.

Os capítulos restantes, do 16 ao 32, são interessantíssimos para todas aquelas pessoas que queiram sair da multidão, para os que aspiram ser algo na vida, para as águias altaneiras, para os revolucionários da consciência de espírito indomável, para aqueles que renunciam à coluna vertebral de borracha, que não dobram seu pescoço ante o açoite de qualquer tirano.

CAPÍTULO DEZESSEIS, nos fala o Mestre sobre o livro da vida. É conveniente observar a repetição de palavras diárias, a recorrência das coisas de um mesmo dia, tudo isso nos conduz ao autoconhecimento.

No CAPÍTULO DEZESSETE, nos fala sobre as criaturas mecânicas e nos diz que, quando alguém não se auto-observa, não pode dar-se conta da incessante repetição diária; quem não deseja observar-se a si mesmo tampouco deseja trabalhar para lograr uma verdadeira transformação Radical, nossa personalidade é somente uma marionete, um boneco falante, algo mecânico, somos repetidores de eventos, nossos hábitos são os mesmos, nunca quisemos modificá-los.

CAPÍTULO DEZOITO, trata-se do Pão Supersubstancial. Os hábitos nos mantêm petrificados, somos pessoas mecânicas carregadas de velhos hábitos, devemos provocar mudanças internas. A auto-observação é indispensável.

CAPÍTULO DEZENOVE, nos fala do bom dono de casa. Há que nos isolar do drama da vida, há que defender a fuga da psique, este trabalho vai contra a vida, trata-se de algo muito distinto da vida diária.

Enquanto alguém não se mude interiormente será sempre vítima das circunstâncias. O bom dono de casa é aquele que nada contra a corrente, os que não querem deixar-se devorar pela vida são muito escassos.

No CAPÍTULO VINTE, nos fala sobre os dois mundos e nos diz que o verdadeiro conhecimento, que realmente pode originar em nós uma mudança interior fundamental, tem como embasamento a auto-observação direta de si mesmo. A auto-observação interior é um meio para mudar intimamente, mediante a auto-observação de nós mesmos, aprendemos a caminhar no caminho interior.

O sentido da auto-observação de si mesmo encontra-se atrofiado na raça humana, porém este sentido desenvolve-se quando perseveramos na auto-observação de nós mesmos, assim como aprendemos a caminhar no mundo exterior, assim também mediante o trabalho psicológico sobre nós mesmos aprendemos a caminhar no mundo interior.

No CAPÍTULO VINTE E UM, nos fala sobre a observação de si mesmo, nos diz que a observação de si mesmo é um método prático para lograr uma transformação radical, conhecer nunca é observar, não há que confundir o conhecer com o observar.

A observação de si é cem por cento ativa, é um meio de mudança de si, enquanto que o conhecer, que é passivo, não o é. A atenção dinâmica provém do lado observante, enquanto os pensamentos e as emoções pertencem ao lado observado. O conhecer é algo completamente mecânico, passivo; em troca, a observação de nós mesmos é um ato consciente.

No CAPÍTULO VINTE E DOIS, nos fala da Conversa e nos diz que verifiquemos, ou seja, isso de “falar sozinhos” é daninho, porque são nossos eus enfrentando uns aos outros, quando te descobres falando sozinho, observa-te e descobrirás a tolice que estás cometendo.

No CAPÍTULO VINTE E TRÊS, nos fala do mundo de relações e nos diz que existem três estados de relações, obrigações com nosso próprio corpo, com o mundo exterior e a relação do homem consigo mesmo, o qual não tem importância para a maioria das pessoas. Às pessoas só interessam os dois primeiros tipos de relações. Devemos estudar para saber com quais destes três tipos estamos em falta.

A falta de eliminação interior faz com que não estejamos relacionados conosco mesmo e isto faz que permaneçamos em trevas; quando te encontres abatido, desorientado, confuso, recorda-te a “ti mesmo” e isto fará com que as células de teu corpo recebam um alento diferente.

No CAPÍTULO VINTE E QUATRO, nos fala sobre a canção psicológica, nos diz sobre as ladainhas, a autodefesa, o sentir-nos perseguidos, etc., o crer que outros têm a culpa de tudo que nos sucede, em troca os triunfos tomamos como obra nossa, assim jamais poderemos melhorar-nos. O homem engarrafado nos conceitos que ele gera pode tornar-se útil ou inútil, esta não é a tônica para observar-nos e melhorar-nos; aprender a perdoar é indispensável para nosso melhoramento interior. A lei da Misericórdia é mais elevada que a lei do homem violento. “Olho por olho, dente por dente”. A Gnosis está destinada àqueles aspirantes sinceros que verdadeiramente querem trabalhar e mudar, cada um canta sua própria canção psicológica.

A triste recordação das coisas vividas nos atam ao passado e não nos permitem viver o presente, o qual nos desfigura. Para passar a um nível

superior é indispensável deixar de ser o que se é; sobre cada um de nós há níveis superiores aos quais temos que escalar.

No CAPÍTULO VINTE E CINCO, nos fala sobre o Retorno e Recorrência, e nos diz que a Gnosis é transformação, renovação, melhora incessante; o que não quer melhorar-se, transformar-se, perde seu tempo, porque, além de não avançar, fica no caminho do retrocesso e, portanto, se incapacita para conhecer-se; com justa razão assevera o V. M. que somos marionetes repetindo as cenas da vida. Quando reflexionamos sobre estes fatos, nos damos conta que somos artistas que trabalhamos de graça no drama da vida diária.

Quando temos o poder de vigiar-nos para observar o que faz e executa nosso corpo físico, nos colocamos no caminho da auto-observação consciente e observamos que uma coisa é a consciência, a que conhece, e outra coisa é a que executa e obedece, ou seja, nosso próprio corpo. A comédia da vida é dura e cruel com aquele que não sabe acender os fogos internos, consome-se no seu próprio labirinto entre as mais profundas trevas, os nossos eus vivem prazerosamente nas trevas.

No CAPÍTULO VINTE E SEIS, nos fala sobre a Autoconsciência Infantil, diz que quando a criança nasce reincorpora-se a Essência, isto dá à criança beleza, logo, conforme vai desenvolvendo a personalidade, vão se reincorporando os eus que vêm de vidas passadas e vai perdendo a beleza natural.

No CAPÍTULO VINTE E SETE, trata do Publicano e o Fariseu, diz que cada um descansa sobre algo do que tem, daí o afã de todos por ter algo: títulos, bens, dinheiro, fama, posição social, etc. O homem e a mulher inflados de orgulho são os que mais necessitam do necessitado para viver; o homem que descansa unicamente sobre bases externas também é um inválido, porque o dia em que perde essas bases se converterá no homem mais infeliz do mundo.

Quando nos sentimos maiores que os demais estamos engordando nossos eus e recusamos, com isso, alcançar ser bem-aventurados. Para o trabalho esotérico nossos próprios louvores são obstáculos que se opõem a todo progresso espiritual. Quando nos auto-observamos podemos descobrir as bases sobre as quais descansamos; devemos pôr muita atenção às coisas que nos ofendem ou nos dilaceram, assim descobrimos as bases psicológicas sobre as quais nos encontramos.

Neste sendeiro do melhoramento, aquele que se crê superior a outro se estanca ou retrocede. No processo Iniciático de minha vida operou-se uma grande mudança quando, aflito com milhares de asperezas, desenganos e

infortúnios, fiz em meu lar o curso de “pária”, abandonei a pose de “eu sou o que dá de tudo para este lar”, para sentir-me um triste esmoleiro, enfermo e sem nada na vida. Tudo mudou em minha vida, porque me brindava: café da manhã, almoço e jantar, roupa limpa e o direito de dormir no mesmo leito que minha patroa (a esposa Sacerdotisa), porém isto somente durou dias, porque aquele lar não me suportou com aquela atitude ou tática guerreira. Há que aprender a transformar o mal em bem, as trevas em luz, o ódio em amor, etc.

O Real Ser não discute nem entende as injúrias dos eus que nos disparam os adversários ou amigos. Os que sentem essas chicotadas são os eus que atam nossa alma, eles se enfrascam e reagem coléricos e iracundos, a eles interessa ir contra o Cristo Interno, contra nossa própria semente.

Quando os estudantes nos pedem remédio para curar as poluições, aconselhamos-lhes que abandonem a ira; os que o fizeram obtêm benefícios.

No CAPÍTULO VINTE E OITO, nos fala o Mestre sobre a Vontade, nos diz que devemos trabalhar nesta obra do Pai, porém os estudantes creem que é trabalhar com o arcano A.Z.F., o trabalho sobre nós mesmos, o trabalho com os três fatores que libertam nossa consciência, devemos conquistar Interiormente, libertar o Prometeu que temos acorrentado dentro de nós. A vontade Criadora é obra nossa, qualquer que seja a circunstância em que nos encontremos.

A emancipação da Vontade advém com a eliminação de nossos defeitos e a natureza nos obedece.

No CAPÍTULO VINTE E NOVE, nos fala da Decapitação, nos diz que os momentos mais tranquilos de nossas vidas são os menos favoráveis para nos autoconhecer; isto só se consegue no trabalho da vida, nas relações sociais, negócios, jogos, enfim, na vida diária é quando mais afloram nossos eus. O sentido da auto-observação interna encontra-se atrofiado em todo ser humano, este sentido se desenvolve de forma progressiva com a auto-observação que executamos, de momento em momento e com o uso contínuo.

Tudo o que está fora de lugar é mau e o mau deixa de sê-lo quando está em seu lugar, quando deve ser.

Com o poder da Deusa Mãe em nós, a Mãe RAM-IO, podemos destruir os eus dos diferentes níveis da mente, os leitores encontrarão a fórmula em várias obras do V. M. Samael.

Stella Maris é a assinatura astral, a potência sexual, ela tem o poder de desintegrar as aberrações que em nosso interior psicológico carregamos. “Tonantzín” decapita qualquer eu psicológico.

No CAPÍTULO TRINTA, nos fala do Centro de Gravidade Permanente, e nos diz que cada pessoa é uma máquina a serviço dos inumeráveis eus que possui e, por conseguinte, a pessoa humana não possui centro de gravidade permanente, por conseguinte, somente existe instabilidade; para lograr a autorrealização íntima do Ser se requer continuidade de propósito e isto se logra extirpando os egos ou eus que levamos dentro.

Se não trabalhamos sobre nós mesmos, involucionamos e degeneramos. O processo da Iniciação nos põe no caminho da superação, nos conduz ao estado Angélico-déxico.

No CAPÍTULO TRINTA E UM, nos fala do baixo Esotérico Gnóstico e nos diz que se requer examinar o eu aprisionado ou que o reconheçamos; requisito indispensável para poder destruí-lo é a observação, isso permite que entre um raio de luz em nosso interior.

A destruição dos eus que analisamos deve vir acompanhada de serviços aos demais, dando-lhes instrução para que eles se liberem dos satãs ou eus que obstaculizam sua própria redenção.

No CAPÍTULO TRINTA E DOIS, nos fala sobre a Oração no Trabalho, nos diz que a Observação, Juízo e Execução são os três fatores básicos da dissolução do Eu. 1º - se observa, 2º - se julga, 3º - se executa; assim se faz com os espiões na guerra. O sentido de auto-observação interna, conforme vai se desenvolvendo, nos permitirá ver o avanço progressivo de nosso trabalho.

Há 25 anos, no Natal de 1951, nos dizia o Mestre aqui na cidade de Ciénaga e, mais tarde o explica na Mensagem de Natal de 1962, o seguinte: *“Sou parte de vocês até que tenhais formado o Cristo em vosso Coração”*.

Sobre seus ombros pesa a responsabilidade do povo de Aquário e a doutrina do Amor se expande através do conhecimento Gnóstico, se queres seguir a doutrina do Amor, debes deixar de odiar, ainda que em sua mais ínfima manifestação, isso nos prepara para que surja o menino de ouro, o menino da alquimia, o filho da castidade, o Cristo Interno que vive e palpita no fundo mesmo de nossa Energia Criadora. Assim logramos a morte das legiões de eus Satânicos que mantemos dentro e nos preparamos para a ressurreição, para uma mudança total. Esta Santa Doutrina os humanos desta Era não entendem, porém devemos lutar por eles no culto de todas as religiões, para que anelem uma vida superior, dirigida por seres

superiores; este corpo de doutrina nos regressa à doutrina do Cristo Interno, quando a levamos à prática, mudaremos o porvir da humanidade.

PAZ INVERENCIAL, GARGHA KUICHINES

CAPÍTULO I

O NÍVEL DO SER

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Para que vivemos? Por que vivemos...?

Inquestionavelmente o pobre “Animal Intelectual” equivocadamente chamado homem, não somente não sabe, senão ademais nem sequer sabe que não sabe...

O pior de tudo é a situação tão difícil e tão estranha em que nos encontramos, ignoramos o segredo de todas as nossas tragédias e, contudo, estamos convencidos que sabemos tudo...

Leve um “Mamífero Racional”, uma pessoa dessas que na vida se presumem influentes, para o centro do deserto do SAARA, deixe-o ali longe de qualquer Oásis e observe de uma nave aérea tudo o que sucede...

Os fatos falarão por si mesmos; o “Humanoide Intelectual” ainda que se presuma forte e se creia muito homem, no fundo resulta espantosamente débil...

O “Animal Racional” é tonto em cem por cento; Pensa de si mesmo o melhor; crê que pode desenvolver-se maravilhosamente mediante o Jardim de Infância, Manuais de Urbanidade, Escola Primária, Secundária, Bacharelado, Universidade, o bom prestígio do papai, etc., etc., etc.

Desafortunadamente, por trás de tantas letras e bons modos, títulos e dinheiro, bem sabemos que qualquer dor de estômago nos entristece e que no fundo continuamos sendo infelizes e miseráveis...

Basta ler a História Universal para saber que somos os mesmos bárbaros de outrora e que em vez de melhorar nos tornamos piores...

Este século XX com toda sua espetacularidade, guerras, prostituição, sodomia mundial, degeneração sexual, drogas, álcool, crueldade exorbitante, perversidade extrema, monstruosidade, etc., etc., etc., é o espelho onde devemos nos olhar; não existe, pois, razão de peso para jactarmos de haver chegado a uma etapa superior de desenvolvimento...

Pensar que o tempo significa progresso é absurdo, desgraçadamente os “ignorantes ilustrados” continuam engarrafados no “Dogma da Evolução”...

Em todas as páginas negras da “Negra História” encontramos sempre as mesmas horrorosas crueldades, ambições, guerras, etc.

Contudo nossos contemporâneos “Supercivilizados” estão, todavia, convencidos de que isso da Guerra é algo secundário, um acidente

passageiro que nada tem a ver com sua tão cacarejada “Civilização Moderna”.

Certamente o que importa é o modo de ser de cada pessoa; alguns sujeitos serão bêbados, outros abstêmios, aqueles honrados e estes outros sem-vergonhas; de tudo há na vida...

A massa é a soma dos indivíduos; o que é o indivíduo é a massa, é o Governo, etc.

A massa é, pois, a extensão do indivíduo; não é possível a transformação das massas, dos povos, se o indivíduo, se cada pessoa, não se transforma...

Ninguém pode negar que existem distintos níveis sociais; há pessoas de igreja e de prostíbulo; de comércio e de campo, etc., etc., etc.

Assim também existem distintos Níveis do Ser. O que internamente somos, esplêndidos ou mesquinhos, generosos ou tacaños, violentos ou apazíveis, castos ou luxuriosos, atrai as diversas circunstâncias da vida...

Um luxurioso atrairá sempre cenas, dramas e até tragédias de lascívia nas quais se verá metido... Um bêbado atrairá os bêbados e se verá metido sempre em bares e cantinas, isso é óbvio...O que atrairá o usurário, o egoísta? Quantos problemas, cárceres, desgraças?

Contudo a pessoa amargada, cansada de sofrer, tem ganas de mudar, virar a página de sua história...Pobres pessoas! Querem mudar e não sabem como; não conhecem o procedimento; estão em um beco sem saída...

O que lhes sucedeu ontem lhes sucede hoje e sucederá amanhã; repetem sempre os mesmos erros e não aprendem as lições da vida nem a canhonaços.

Todas as coisas se repetem em sua própria vida; dizem as mesmas coisas, fazem as mesmas coisas, lamentam as mesmas coisas...

Esta repetição aborrecedora de dramas, comédias e tragédias continuará enquanto carreguemos em nosso interior os elementos indesejáveis da Ira, Cobiça, Luxúria, Inveja, Orgulho, Preguiça, Gula, etc., etc., etc.

Qual é o nosso nível moral? Ou melhor, se disséssemos: Qual é o nosso Nível do Ser?

Enquanto o Nível do Ser não mudar radicalmente, continuará a repetição de todas as nossas misérias, cenas, desgraças e infortúnios...

Todas as coisas, todas as circunstâncias que acontecem fora de nós, no cenário deste mundo, são exclusivamente o reflexo do que interiormente levamos.

Com justa razão podemos asseverar solenemente que o “exterior é o reflexo do interior”.

Quando alguém muda interiormente e tal mudança é radical, o exterior, as circunstâncias, a vida, mudam também.

Estive observando por estas épocas (ano 1974), um grupo de pessoas que invadiram um terreno alheio. Aqui no México tais pessoas recebem o curioso qualificativo de “PARAQUEDISTAS”.

São vizinhos da colônia campestre Churubusco, estão muito próximos da minha casa, motivo pelo qual pude estudá-los de perto...

Ser pobre jamais será delito, mas o grave não está nisso, senão em seu Nível de Ser...

Diariamente brigam entre si, embebedam-se, insultam-se mutuamente, convertem-se em assassinos de seus próprios companheiros de infortúnio, vivem, certamente, em imundas choças dentro das quais, em vez de amor, reina o ódio...

Muitas vezes pensei que, se qualquer sujeito desses eliminasse de seu interior o ódio, a ira, a luxúria, a embriaguez, a maledicência, a crueldade, o egoísmo, a calúnia, a inveja, o amor-próprio, o orgulho, etc., etc., etc., agradariam a outras pessoas, se associariam por simples Lei de Afinidades Psicológicas com pessoas mais refinadas, mais espirituais; essas novas relações seriam definitivas para uma mudança econômica e social...

Seria esse o sistema que permitiria a tal sujeito, abandonar a “garagem”, a “cloaca” imunda...

Assim, pois, se realmente quisermos uma mudança radical, o que primeiro devemos compreender é que cada um de nós (seja branco ou negro, amarelo ou acobreado, ignorante ou ilustrado, etc.), está em tal ou qual “Nível do Ser”.

Qual é nosso Nível de Ser? Haveis vós reflexionado alguma vez sobre isso? Não seria possível passar a outro nível se ignoramos o estado em que nos encontramos.

CAPÍTULO II

A ESCADA MARAVILHOSA

Temos que anelar uma mudança verdadeira, sair desta rotina aborrecedora, desta vida meramente mecanicista, cansativa...

O que primeiro devemos compreender com inteira clareza é que cada um de nós, seja burguês ou proletário, acomodado ou da classe média, rico ou miserável, encontra-se realmente em tal ou qual Nível de Ser...

O Nível de Ser do bêbado é diferente ao do abstinente e o da prostituta muito distinto ao da donzela. Isto que estamos dizendo é irrefutável, irrefutável...

Ao chegar a esta parte de nosso capítulo, nada perdemos ao imaginarmos uma escada que se estende de baixo para cima, verticalmente e com muitíssimos degraus...

Inquestionavelmente em algum degrau destes nos encontramos; degraus abaixo haverá pessoas piores que nós; degraus acima se encontrarão pessoas melhores que nós...

Nesta Vertical extraordinária, nesta escada maravilhosa, é claro que podemos encontrar todos os Níveis de Ser... cada pessoa é diferente e isto ninguém pode refutá-lo...

Indubitavelmente não estamos agora falando de caras feias ou bonitas, nem tampouco se trata de questão de idades. Há pessoas jovens e velhas, anciãos que já estão para morrer e crianças recém-nascidas...

A questão do tempo e dos anos; isso de nascer, crescer, desenvolver-se, casar-se, reproduzir-se, envelhecer e morrer, é exclusivo da Horizontal...

Na "Escada Maravilhosa", na Vertical, o conceito tempo não cabe. Nos degraus de tal escala somente podemos encontrar "Níveis de Ser"...

A esperança mecânica das pessoas não serve para nada; creem que com o tempo as coisas serão melhores; assim pensavam nossos avós e bisavós; os fatos, precisamente, vieram a demonstrar o contrário...

O "Nível de Ser" é o que conta e isto é Vertical; nos encontramos em um degrau, porém podemos subir a outro degrau...

A "Escada Maravilhosa" da qual estamos falando e que se refere aos distintos "Níveis de Ser", certamente nada tem a ver com o tempo linear...

Um "Nível de Ser" mais alto está imediatamente acima de nós de instante em instante...

Não está em nenhum remoto futuro horizontal, senão aqui e agora; dentro de nós mesmos; na Vertical...

É ostensível e qualquer um pode compreender, que as duas linhas – Horizontal e Vertical – encontram-se de momento em momento em nosso interior Psicológico e formam Cruz...

A personalidade cresce e se desenvolve na linha Horizontal da Vida. Nasce e morre dentro de seu tempo linear; é perecedoura; não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto; não é o Ser...

Os Níveis do Ser; o Ser mesmo, não é do tempo, nada tem a ver com a Linha Horizontal; encontra-se dentro de nós mesmos. Agora, na Vertical...

Resulta manifestamente absurdo buscar a nosso próprio Ser fora de nós mesmos...

Não está demais afirmar como corolário o seguinte: títulos, graus, ascensos, etc., no mundo físico exterior, de modo algum originariam exaltação autêntica, revalorização do Ser, passagem a um degrau superior nos "Níveis do Ser"...

CAPÍTULO III

REBELDIA PSICOLÓGICA

Não está demais recordar a nossos leitores, que existe um ponto matemático dentro de nós mesmos... Inquestionavelmente tal ponto, jamais se encontra no passado, nem tampouco no futuro...

Quem quiser descobrir esse ponto misterioso, deve buscá-lo aqui e agora, dentro de si mesmo, exatamente neste instante, nem um segundo adiante, nem um segundo atrás...

Os dois paus Vertical e Horizontal da Santa Cruz, encontram-se neste ponto...

Encontramo-nos, pois, de instante em instante ante dois Caminhos: o Horizontal e o Vertical...

É ostensível que o Horizontal é muito “cafona”, por ele andam “Vicente e toda a gente”, “Villegas e tudo o que chega”, “Dom Raimundo e todo o mundo”...

É evidente que o Vertical é diferente; é o caminho dos rebeldes inteligentes, dos Revolucionários...

Quando alguém se recorda de si mesmo, quando trabalha sobre si mesmo, quando não se identifica com todos os problemas e penas da vida, de fato vai pela Senda Vertical...

Certamente jamais resulta tarefa fácil eliminar as emoções negativas; perder toda identificação com nosso próprio trem da vida; problemas de toda índole, negócios, dívidas, pagamento de notas promissórias, hipotecas, telefone, água, luz, etc., etc., etc.

Os desocupados, aqueles que por tal ou qual motivo perderam o emprego, o trabalho, evidentemente sofrem por falta de dinheiro e esquecer seu caso, não se preocupar, nem se identificar com seu próprio problema, resulta de fato espantosamente difícil.

Aqueles que sofrem, aqueles que choram, aqueles que foram vítimas de alguma traição, de um mau pagamento na vida, de uma Ingratidão, de uma calúnia ou de alguma fraude, realmente se esquecem de si mesmos, de seu real Ser íntimo, identificam-se completamente com sua tragédia moral...

O trabalho sobre si mesmo é a característica fundamental do Caminho Vertical. Ninguém poderia pisar a Senda da Grande Rebeldia se jamais trabalhasse sobre si mesmo...

O trabalho ao qual estamos nos referindo é de tipo Psicológico; ocupa-se de certa transformação do momento presente em que nos encontramos. Necessitamos aprender a viver de instante em instante...

Por exemplo, uma pessoa que se encontra desesperada por algum problema sentimental, econômico ou político obviamente se esqueceu de si mesma...

Tal pessoa se detém-se por um instante, se observa a situação e trata de recordar a si mesmo e logo se esforça para compreender o sentido de sua atitude...

Se reflexiona um pouco, se pensa em tudo que passa; que a vida é ilusória, fugaz e que a morte reduz a cinzas todas as vaidades do mundo...

Se compreende que seu problema no fundo não é mais que uma “chama de palha”, um fogo fátuo que logo se apaga, verá de pronto com surpresa que tudo mudou...

Transformar reações mecânicas é possível mediante a confrontação lógica e a Autorreflexão Íntima do Ser... É evidente que as pessoas reagem mecanicamente ante das diversas circunstâncias da vida...

Pobres pessoas! Costumam sempre converter-se em vítimas. Quando alguém lhes aluda, sorriem; quando lhes humilham, sofrem. Insultam se lhes insultam; ferem se lhes ferem; nunca são livres; seus semelhantes têm poder para levar-lhes da alegria à tristeza, da esperança ao desespero.

Cada pessoa dessas que vai pelo Caminho Horizontal se parece a um instrumento musical, onde cada um de seus semelhantes toca o que tem vontade...

Quem aprende a transformar as relações mecânicas de fato se mete pelo “Caminho Vertical”.

Isto representa uma mudança fundamental no “Nível de Ser”, resultado extraordinário da “Rebeldia Psicológica”.

CAPÍTULO IV

A ESSÊNCIA

O que faz bela e adorável a toda criança recém-nascida é sua Essência; esta constitui em si mesma sua verdadeira realidade...

O crescimento normal da Essência em toda criatura, certamente é muito residual, incipiente...

O corpo humano cresce e se desenvolve de acordo com as leis biológicas da espécie, no entanto tais possibilidades resultam por si mesmas muito limitadas para a Essência...

Inquestionavelmente a Essência só pode crescer por si mesma, sem ajuda, em pequeníssimo grau...

Falando francamente e sem rodeios diremos que o crescimento espontâneo e natural da Essência, só é possível durante os primeiros três, quatro ou cinco anos de idade, quer dizer, na primeira etapa da vida...

As pessoas pensam que o crescimento e desenvolvimento da Essência se realiza sempre de forma contínua, de acordo com a mecânica da evolução, mas o Gnosticismo Universal ensina claramente que isto não ocorre assim...

Com a finalidade de que a Essência cresça mais, algo muito especial deve suceder, algo novo tem que realizar.

Quero me referir de forma enfática ao trabalho sobre si mesmo. O desenvolvimento da Essência unicamente é possível à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários...

É necessário compreender que estes trabalhos não se referem a questões de profissão, bancos, carpintaria, alvenaria, organização de linhas férreas ou assuntos de escritório...

Este trabalho é para toda pessoa que tenha desenvolvido a personalidade; trata-se de algo Psicológico...

Todos nós sabemos que temos dentro de nós mesmos isso que se chama EGO, EU, MIM MESMO, SI MESMO...

Desgraçadamente a Essência encontra-se engarrafada, enfrascada, entre o EGO e isto é lamentável.

Dissolver o EU Psicológico, desintegrar seus elementos indesejáveis, é urgente, inadiável, impostergável... assim é o sentido do trabalho sobre si mesmo.

Nunca poderíamos libertar a Essência sem desintegrar previamente o EU Psicológico...

Na Essência está a Religião, o BUDA, a Sabedoria, as partículas de dor de nosso Pai que está nos Céus e todos os dados que precisamos para a AUTORREALIZAÇÃO ÍNTIMA DO SER.

Ninguém poderia aniquilar o EU Psicológico sem eliminar previamente os elementos inumanos que levamos dentro de nós...

Necessitamos reduzir a cinzas a crueldade monstruosa destes tempos: a inveja que desgraçadamente veio a converter-se na mola secreta da ação; a cobiça insuportável que tornou a vida tão amarga; a asquerosa maledicência; a calúnia que tantas tragédias origina; as bebedeiras; a imunda luxúria que cheira tão mal; etc., etc., etc.

À medida que todas essas abominações vão se reduzindo a poeira cósmica, a Essência além de emancipar-se, crescerá e se desenvolverá harmoniosamente...

Inquestionavelmente quando o EU Psicológico morre, resplandece em nós a Essência...

A Essência livre nos confere beleza íntima; de tal beleza emanam a felicidade perfeita e o verdadeiro Amor... A Essência possui múltiplos sentidos de perfeição e extraordinários poderes naturais...

Quando “Morremos em Nós Mesmos”, quando dissolvemos o EU Psicológico, gozamos dos preciosos sentidos e poderes da Essência...

CAPÍTULO V

ACUSAR A SI MESMO

A Essência que cada um de nós leva em seu Interior vem de cima, do Céu, das estrelas...

Inquestionavelmente a Essência maravilhosa provém da nota “LA” (A Via Láctea, a Galáxia onde vivemos).

Preciosa, a Essência passa através da nota “SOL” (O Sol) e logo da nota “FÁ” (A Zona Planetária) entra neste mundo e penetra em nosso próprio interior.

Nossos pais criaram o corpo apropriado para a recepção desta Essência que vem das Estrelas...

Trabalhando intensamente sobre nós mesmos e sacrificando-nos por nossos semelhantes, regressaremos vitoriosos ao seio profundo de Urânia...

Nós estamos vivendo neste mundo por algum motivo, para algo, por algum fator especial...

Obviamente em nós há muito que devemos ver, estudar e compreender, se é que em realidade anelamos saber algo sobre nós mesmos, sobre nossa própria vida...

Trágica é a existência daquele que morre sem ter conhecido o motivo de sua vida...

Cada um de nós deve descobrir por si mesmo o sentido de sua própria vida, aquilo que o mantém prisioneiro no cárcere da dor...

Ostensivelmente há em cada um de nós algo que nos amarga a vida e contra o qual necessitamos lutar firmemente...

Não é indispensável que continuemos em desgraça, é impostergável reduzir à poeira cósmica isso que nos faz tão débeis e infelizes.

De nada serve nos envaidecer com títulos, honras, diplomas, dinheiro, vão racionalismo subjetivo, consabidas virtudes, etc., etc., etc.

Não devemos esquecer jamais que a hipocrisia e as tontas vaidades da falsa personalidade fazem de nós pessoas torpes, rançosas, retardatárias, reacionárias, incapazes de ver o novo...

A morte tem muitos significados, tanto positivos como negativos. Consideremos aquela magnífica observação do “Grande KABIR Jesus, o Cristo”: *“Que os mortos sepultem seus mortos”*. Muitas pessoas, ainda que

vivam, estão de fato mortas para todo possível trabalho sobre si mesmas e, portanto, para qualquer transformação íntima.

São pessoas engarrafadas nos seus dogmas e crenças; pessoas petrificadas nas recordações de muitos ontens; indivíduos cheios de preconceitos ancestrais; pessoas escravas do que dirão, espantosamente mornas, indiferentes, às vezes “sabichonas” convencidas de estar na verdade porque assim o disseram, etc., etc., etc.

Não querem essas pessoas entender que este mundo é um “Ginásio Psicológico”, mediante o qual seria possível aniquilar essa feiura secreta que todos levamos dentro...

Se essas pobres pessoas compreendessem o estado tão lamentável em que se encontram, tremeriam de horror...

Embora tais pessoas pensem sempre de si mesmas o melhor; jactam-se de suas virtudes, sentem-se perfeitas, bondosas, prestativas, nobres, caridosas, inteligentes, cumpridoras de seus deveres, etc.

A vida prática como escola é formidável, porém tomá-la como um fim em si mesma, é manifestamente absurdo.

Aqueles que tomam a vida em si mesma, tal como se vive diariamente, não compreenderam a necessidade de trabalhar sobre si mesmos para lograr uma “Transformação Radical”.

Desgraçadamente as pessoas vivem mecanicamente, nunca ouviram dizer algo sobre o trabalho interior...

Mudar é necessário, porém as pessoas não sabem como mudar; sofrem muito e nem sequer sabem por que sofrem...

Ter dinheiro não é tudo. A vida de muitas pessoas ricas costuma ser verdadeiramente trágica...

CAPÍTULO VI

A VIDA

No terreno da vida prática descobrimos sempre contrastes que assombram. Pessoas endinheiradas com magnífica residência e muitas amizades, às vezes sofrem espantosamente...

Proletários humildes de picareta e pá ou pessoas da classe média, costumam viver às vezes em completa felicidade.

Muitos arquimilionários sofrem de impotência sexual e ricas madames choram amargamente a infidelidade do marido...

Os ricos da Terra parecem abutres entre jaulas de ouro, por estes tempos não podem viver sem “guarda-costas”...

Os homens de estado arrastam cadeias, nunca estão livres, andam por todas as partes rodeados de pessoas armadas até os dentes...

Estudemos esta situação mais detidamente. Necessitamos saber o que é a vida. Cada um é Livre para opinar como queira...

Digam o que digam, certamente ninguém sabe nada, a vida resulta um problema que ninguém entende...

Quando as pessoas desejam nos contar gratuitamente a história de sua vida, citam acontecimentos, nomes e sobrenomes, datas, etc., e sentem satisfação ao fazer seus relatos...

Essas pobres pessoas ignoram que seus relatos estão incompletos porque eventos, nomes e datas são tão só o aspecto externo do filme, falta o aspecto interno...

É urgente conhecer “estados de consciência”, a cada evento lhe corresponde tal ou qual estado anímico. Os estados são interiores e os eventos são exteriores, os acontecimentos externos não são tudo...

Entenda-se por estados interiores as boas ou más disposições, as preocupações, a depressão, a superstição, o temor, a suspeita, a misericórdia, a autoconsideração, a superestimação de Si mesmo; estados de sentir-se feliz, estados de gozo, etc., etc., etc.

Inquestionavelmente os estados interiores podem corresponder-se exatamente com os acontecimentos exteriores ou ser originados por estes, ou não ter relação alguma com os mesmos...

Em todo caso estados e eventos são diferentes. Nem sempre os acontecimentos correspondem-se exatamente com estados afins.

O estado interior de um evento agradável poderia não se corresponder com o mesmo.

O estado interior de um evento desagradável poderia não se corresponder com o mesmo. Acontecimentos aguardados durante muito tempo, quando vêm, sentimos que faltava algo...

Certamente faltava o correspondente estado Interior que devia combinar-se com o acontecimento exterior... Muitas vezes o acontecimento que não se esperava vem a ser o que melhores momentos nos proporcionou...

CAPÍTULO VII

O ESTADO INTERIOR

Combinar estados interiores com acontecimentos exteriores de forma correta é saber viver inteligentemente... Qualquer evento inteligentemente vivenciado exige seu correspondente estado interior específico...

Embora, desafortunadamente, as pessoas quando revisem sua vida pensam que esta em si mesma está constituída exclusivamente por eventos exteriores...

Pobres pessoas! Pensam que se tal ou qual acontecimento não lhes tivesse sucedido, sua vida teria sido melhor...

Supõem que a sorte foi ao encontro delas e que perderam a oportunidade de serem felizes...

Lamentam o perdido, choram o que desprezaram, gemem recordando os velhos tropeços e calamidades...

Não querem dar-se conta as pessoas que vegetar não é viver, e que a capacidade para existir conscientemente depende exclusivamente da qualidade dos estados interiores da Alma...

Não importa certamente quão formosos sejam os acontecimentos externos da vida, se não nos encontramos em tais momentos no estado interior apropriado, os melhores eventos podem nos parecer monótonos, cansativos ou simplesmente aborrecedores...

Alguém aguarda com ansiedade a festa de bodas, é um acontecimento, mas poderia suceder que se estivesse tão preocupado no momento preciso do evento, que realmente não tivesse nisso nenhum deleite e que tudo aquilo se tornasse tão árido e frio como um protocolo...

A experiência nos ensinou que nem todas as pessoas que assistem a um banquete ou a um baile desfrutam de verdade...

Nunca falta um aborrecido no melhor dos festejos e as peças mais deliciosas alegram a uns e fazem chorar a outros...

Muito raras são as pessoas que sabem combinar conscientemente o evento externo com o estado interno apropriado...

É lamentável que as pessoas não saibam viver conscientemente: choram quando devem rir e riem quando devem chorar...

Controle é diferente: o sábio pode estar alegre, mas nunca, jamais, cheio de louco frenesi; Triste, porém nunca desesperado e abatido... sereno no meio da violência; abstinência na orgia; casto entre a luxúria, etc.

As pessoas melancólicas e pessimistas pensam da vida o pior e francamente não desejam viver...

Todos os dias vemos pessoas que não somente são infelizes, senão que ademais –e o que é pior– fazem também amarga a vida dos demais...

Pessoas assim não mudariam nem vivendo diariamente de festa em festa; levam a enfermidade psicológica em seu interior... tais pessoas possuem estados íntimos definitivamente perversos...

Contudo esses sujeitos se autoqualificam como justos, santos, virtuosos, nobres, prestativos, mártires, etc., etc., etc.

São pessoas que se autoconsideram demasiado; pessoas que se querem muito a si mesmas...

Indivíduos que se apiedam muito de si mesmos e que sempre buscam escapatórias para eludir suas próprias responsabilidades...

Pessoas assim estão acostumadas às emoções inferiores e é ostensível que por tal motivo criam diariamente elementos psíquicos infra-humanos.

Os eventos desgraçados, reveses de fortuna, miséria, dívidas, problemas, etc., são exclusividade daquelas pessoas que não sabem viver...

Qualquer um pode formar uma rica cultura intelectual, mas são muito poucas as pessoas que aprenderam a viver retamente...

Quando alguém quer separar os eventos exteriores dos estados interiores da consciência, demonstra concretamente sua incapacidade para existir dignamente.

Aqueles que aprendem a combinar conscientemente eventos exteriores e estados interiores marcham pelo caminho do êxito...

CAPÍTULO VIII

ESTADOS EQUIVOCADOS

Inquestionavelmente na rigorosa observação do Mim Mesmo, resulta sempre impostergável e inadiável fazer uma completa diferenciação lógica com relação aos acontecimentos exteriores da vida prática e os estados íntimos da consciência.

Necessitamos com urgência saber onde estamos situados em um dado momento, tanto em relação ao estado íntimo da consciência, como na natureza específica do acontecimento exterior que está nos sucedendo.

A vida em si mesma é uma série de acontecimentos que se processam através do tempo e do espaço... Alguém disse: *“A vida é uma cadeia de martírios que leva o homem, enredada na alma...”*.

Cada qual é muito livre para pensar como quiser; eu creio que aos efêmeros prazeres de um instante fugaz, lhe sucedem sempre o desencanto e a amargura...

Cada acontecimento tem seu sabor característico especial e os estados interiores são assim mesmo de distinta classe; isto é incontrovertível, irrefutável...

Certamente o trabalho interior sobre si mesmo se refere de forma enfática aos diversos estados psicológicos da consciência...

Ninguém poderia negar que em nosso interior carregamos muitos erros e que existem estados equivocados...

Se de verdade queremos mudar realmente, necessitamos com urgência máxima e inadiável modificar radicalmente esses estados equivocados da consciência...

A modificação absoluta dos estados equivocados origina transformações completas no terreno da vida prática...

Quando alguém trabalha seriamente sobre os estados equivocados, obviamente os eventos desagradáveis da vida já não podem lhe ferir tão facilmente...

Estamos dizendo algo que só é possível compreendê-lo vivenciando-o, sentindo-o realmente no próprio terreno dos fatos...

Quem não trabalha sobre si mesmo é sempre vítima das circunstâncias; é como mísero tronco entre as águas tormentosas do oceano...

Os acontecimentos mudam incessantemente em suas múltiplas combinações; vem um atrás do outro em ondas, são influências...

Certamente existem bons e maus acontecimentos; alguns eventos serão melhores ou piores que outros...

Modificar certos eventos é possível; alterar resultados, modificar situações, etc., está certamente dentro do número das possibilidades.

Embora existem situações de fato que de verdade não podem ser alteradas; nestes últimos casos devem ser aceitas conscientemente, ainda que algumas sejam muito perigosas e até dolorosas...

Inquestionavelmente a dor desaparece quando não nos identificamos com o problema que se apresentou...

Devemos considerar a vida como uma série sucessiva de estados interiores; uma história autêntica de nossa vida em particular está formada por todos esses estados...

Ao revisar a totalidade de nossa própria existência, podemos verificar por nós mesmos, de forma direta, que muitas situações desagradáveis foram possíveis graças a estados interiores equivocados...

Alexandre Magno, ainda que sempre tenha sido temperado por natureza, entregou-se por orgulho aos excessos que lhe produziram a morte...

Francisco I morreu por causa de um sujo e abominável adultério, que muito bem recorda a história ainda...

Quando Marat foi assassinado por uma monja perversa, morria de soberba e de inveja, acreditava de si mesmo ser absolutamente justo...

As damas do Parque dos Cervos inquestionavelmente acabaram totalmente com a vitalidade do espantoso fornicário chamado LUÍS XV.

Muitas são as pessoas que morrem por ambição, ira ou ciúmes, isto o sabem muito bem os Psicólogos...

Enquanto nossa vontade se confirma irrevogavelmente em uma tendência absurda, nos convertemos em candidatos para o panteão ou cemitério...

Otelo devido aos ciúmes transformou-se em assassino e o cárcere está cheio de equivocados sinceros...

CAPÍTULO IX

ACONTECIMENTOS PESSOAIS

Plena auto-observação íntima do Mim Mesmo resulta inadiável quando se trata de descobrir estados psicológicos equivocados.

Inquestionavelmente os estados interiores equivocados podem ser corrigidos mediante procedimentos corretos.

Como a vida interior é o ímã que atrai os eventos exteriores, necessitamos com urgência máxima inadiável eliminar de nossa psique os estados psicológicos errôneos.

Corrigir estados psicológicos equivocados é indispensável quando se quer alterar fundamentalmente a natureza de certos eventos indesejáveis.

Alterar nossa relação com determinados eventos, é possível se eliminarmos de nosso interior certos estados psicológicos absurdos.

Situações exteriores destrutivas poderiam converter-se em inofensivas e até construtivas mediante a inteligente correção dos estados interiores errôneos.

Alguém pode mudar a natureza dos eventos desagradáveis que nos ocorrem, quando se purifica intimamente. Quem jamais corrige os estados psicológicos absurdos, crendo-se muito forte, converte-se em vítima das circunstâncias.

Pôr ordem em nossa desordenada casa interior é vital quando se deseja mudar o curso de uma desgraçada existência.

As pessoas se queixam de tudo, sofrem, choram, protestam, querem mudar de vida, sair do infortúnio em que se encontram; desafortunadamente não trabalham sobre si mesmas.

Não querem dar-se conta as pessoas, que a vida interior atrai circunstâncias exteriores e que se estas são dolorosas deve-se aos estados interiores absurdos.

O exterior é tão só o reflexo do interior, quem muda interiormente origina uma nova ordem de coisas. Os eventos exteriores jamais seriam tão importantes quanto o modo de reagir ante os mesmos.

Permancestes sereno ante o insultador? Recebestes com agrado as manifestações desagradáveis de vossos semelhantes?

De que maneira reagistes ante a infidelidade do ser amado? Deixastes-vos levar pelo veneno dos ciúmes? Matastes? Estais no cárcere?

Os hospitais, os cemitérios ou panteões, os cárceres, estão cheios de sinceros equivocados que reagiram de forma absurda ante os eventos exteriores.

A melhor arma que um homem pode usar na vida é um estado Psicológico correto.

Alguém pode desarmar feras e desmascarar traidores mediante estados interiores apropriados. Os estados interiores equivocados nos convertem em vítimas indefesas da perversidade humana.

Aprendeí a enfrentá-los frente os acontecimentos mais desagradáveis da vida prática com uma atitude interior apropriada...

Não vos identifiqueis com nenhum acontecimento; recordai que tudo passa; aprendei a ver a vida como um filme e recebereis os benefícios...

Não esqueçais que acontecimentos sem nenhum valor poderiam levá-los à desgraça se não eliminais de vossa Psique os estados interiores equivocados.

Cada evento exterior necessita, inquestionavelmente, do ticket apropriado; quer dizer, do estado Psicológico preciso.

CAPÍTULO X

OS DIFERENTES EUS

O Mamífero Racional equivocadamente chamado homem realmente não possui uma individualidade definida.

Inquestionavelmente esta falta de unidade Psicológica no Humanoide é a causa de tantas dificuldades e amarguras.

O corpo físico é uma unidade completa e trabalha como um todo orgânico, a menos que esteja enfermo. Entretanto, a vida interior do Humanoide de modo algum é uma unidade psicológica.

O mais grave de tudo isto, a despeito do que digam as diversas escolas do tipo Pseudoesotérica e Pseudo- ocultista, é a ausência de organização Psicológica no fundo íntimo de cada sujeito.

Certamente, em tais condições, não existe trabalho harmonioso como um todo na vida interior das pessoas. O Humanoide, a respeito de seu estado interior, é uma multiplicidade psicológica, uma soma de “Eus”.

Os ignorantes ilustrados desta época tenebrosa rendem culto ao “EU”, o endeusam, o põem nos altares, o chamam “ALTER EGO”, “EU SUPERIOR”, “EU DIVINO”, etc., etc., etc.

Não querem dar-se conta os “Sabichões” desta idade negra em que vivemos, que “Eu Superior” ou “Eu Inferior” são duas seções do mesmo Ego pluralizado...

O Humanoide não tem certamente um “EU Permanente”, senão uma multidão de diferentes “Eus” infra- humanos e absurdos.

O pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem, é semelhante a uma casa em desordem onde, em vez de um amo, existem muitos criados que querem sempre mandar e fazer o que têm vontade...

O maior erro do Pseudoesoterismo e Pseudo-ocultismo barato, é supor que os outros possuem ou que se tem um “EU Permanente e Imutável” sem princípio e sem fim...

Se esses que assim pensam despertassem a consciência, ainda que fosse por um instante, poderiam evidenciar claramente por si mesmos que o Humanoide racional nunca é o mesmo por muito tempo...

O mamífero intelectual, do ponto de vista psicológico, está mudando continuamente...

Pensar que se uma pessoa se chama Luís é sempre Luís resulta algo assim como uma brincadeira de muito mau gosto...

Esse sujeito a quem se chama Luís tem em si mesmo outros “Eus”, outros egos, que se expressam através de sua personalidade em diferentes momentos e, ainda que Luís não goste da cobiça, outro “Eu” nele – chamemos- lhe Pepe– gosta da cobiça e assim sucessivamente...

Nenhuma pessoa é a mesma de forma contínua, realmente não se necessita ser muito sábio para dar-se conta cabal das inumeráveis mudanças e contradições de cada sujeito...

Supor que alguém possui um “Eu Permanente ou Imutável” equivale logo a um abuso para com o próximo e para consigo mesmo...

Dentro de cada pessoa vivem muitas outras, muitos “Eus”, isto o pode verificar por si mesmo, e de forma direta, qualquer pessoa desperta, consciente...

CAPÍTULO XI

O QUERIDO EGO

Como superior e inferior são duas seções de uma mesma coisa, não está demais assegurar o seguinte corolário: “EU SUPERIOR, EU INFERIOR são dois aspectos do mesmo EGO tenebroso e pluralizado”.

O denominado “EU DIVINO” ou “EU SUPERIOR”, “ALTER EGO” ou algo do estilo, é certamente uma artimanha do “MIM MESMO”, uma forma de AUTOENGANO.

Quando o EU quer continuar aqui e no mais além, se Autoengana com o falso conceito de um EU Divino Imortal...

Nenhum de nós tem um “Eu” verdadeiro, permanente, imutável, eterno, inefável, etc., etc., etc.

Nenhum de nós tem em verdade uma verdadeira e autêntica Unidade de Ser; desafortunadamente nem sequer possuímos uma legítima individualidade.

O Ego, ainda que continue muito além do sepulcro, tem, no entanto, um princípio e um fim. O Ego, o EU, nunca é algo individual, unitário, unitotal. Obviamente o EU são “EUS”.

No Tibete Oriental aos “EUS” denominam-se “AGREGADOS PSÍQUICOS” ou simplesmente “Valores”, sejam estes últimos positivos ou negativos.

Se pensamos em cada “Eu” como uma pessoa diferente, podemos asseverar de forma enfática o seguinte: “Dentro de cada pessoa que vive no mundo, existem muitas pessoas”.

Inquestionavelmente dentro de cada um de nós vivem muitíssimas pessoas diferentes, algumas melhores, outras piores...

Cada um destes Eus, cada uma destas pessoas luta pela supremacia, quer ser exclusiva, controla o cérebro intelectual ou os centros emocional e motor cada vez que pode, até que outro o desloque...

A Doutrina dos muitos Eus foi ensinada no Tibete Oriental pelos verdadeiros Clarividentes, pelos autênticos Iluminados...

Cada um de nossos defeitos psicológicos está personificado em tal ou qual Eu. Como temos milhares e até milhões de defeitos, ostensivelmente vive muita gente em nosso interior.

Em questões psicológicas pudemos evidenciar claramente que os sujeitos paranoicos, ególatras e mitômanos por nada na vida abandonariam o culto ao querido Ego.

Inquestionavelmente tais pessoas odeiam mortalmente a doutrina dos muitos “Eus”.

Quando alguém de verdade quer conhecer a si mesmo, deve auto-observar-se e tratar de conhecer os diferentes “Eus” que estão dentro da personalidade.

Se algum de nossos leitores não compreende ainda esta doutrina dos muitos “Eus”, se deve exclusivamente à falta de prática em matéria de Auto-observação.

A medida que alguém pratica a Auto-observação Interior, vai descobrindo por si mesmo muitas pessoas, muitos “eus”, que vivem dentro de nossa própria personalidade.

Aqueles que negam a doutrina dos muitos Eus, aqueles que adoram um EU Divino, indubitavelmente jamais se auto-observaram seriamente. Falando desta vez em estilo Socrático, diremos que essas pessoas não só ignoram, senão, ademais, ignoram que ignoram.

Certamente jamais poderíamos conhecer a nós mesmos, sem a auto-observação séria e profunda.

Enquanto um sujeito qualquer seguir considerando-se como Um, é claro que qualquer mudança interior será algo mais que impossível.

CAPÍTULO XII

A MUDANÇA RADICAL

Enquanto um homem prosseguir com o erro de crer-se a si mesmo Um, Único, Individual, é evidente que a mudança radical será algo mais que impossível.

O próprio fato de que o trabalho esotérico comece com a rigorosa observação de si mesmo está nos indicando uma multiplicidade de fatores Psicológicos, Eus ou elementos indesejáveis que é urgente extirpar, erradicar de nosso interior.

Inquestionavelmente de modo algum seria possível eliminar erros desconhecidos, urge observar previamente aquilo que queremos separar de nossa Psique.

Este tipo de trabalho não é externo, senão interno, e aqueles que pensem que qualquer manual de urbanidade ou sistema ético externo e superficial os possa levar ao êxito, estarão de fato totalmente equivocados.

O fato concreto e definitivo de que o trabalho íntimo comece com a atenção concentrada na observação plena de si mesmo é motivo mais que suficiente para demonstrar que isto exige um esforço pessoal muito particular de cada um de nós.

Falando francamente e sem rodeios, asseveramos de forma enfática o seguinte: nenhum ser humano poderia fazer este trabalho por nós.

Não é possível mudança alguma em nossa Psique, sem a observação direta de todo esse conjunto de fatores subjetivos que levamos dentro.

Dar por aceita a multiplicidade de erros, descartando a necessidade de estudo e observação direta dos mesmos, significa de fato uma evasiva ou escapatória, uma fuga de si mesmo, uma forma de autoengano.

Somente através do esforço rigoroso da observação criteriosa de si mesmo, sem escapatórias de nenhuma espécie, poderemos evidenciar realmente que não somos “Um”, senão “Muitos”.

Admitir a pluralidade do EU e evidenciá-la através da observação rigorosa são dois aspectos diferentes.

Alguém pode aceitar a Doutrina dos muitos Eus sem havê-la jamais evidenciado; este último só é possível auto-observando-se cuidadosamente.

Esquivar-se do trabalho de observação íntima, buscar evasivas, é sinal inconfundível de degeneração.

Enquanto um homem sustente a ilusão de que é sempre uma e a mesma pessoa, não pode mudar e é obvio que a finalidade deste trabalho é precisamente lograr uma mudança gradual em nossa vida interior.

A transformação radical é uma possibilidade definida que normalmente se perde quando não se trabalha sobre si mesmo.

O ponto inicial da mudança radical permanece oculto enquanto o homem continuar crendo-se Um.

Aqueles que rechaçam a Doutrina dos muitos Eus demonstram claramente que jamais se auto-observaram seriamente.

A severa observação de si mesmo sem escapatórias de nenhuma espécie nos permite verificar por nós mesmos o cru realismo de que não somos “Um”, senão “Muitos”.

No mundo das opiniões subjetivas, diversas teorias pseudoesotéricas ou pseudo-ocultistas servem sempre de beco para fugir de si mesmos...

Inquestionavelmente a ilusão de que se é sempre uma e a mesma pessoa, serve de obstáculo para a auto-observação...

Alguém poderia dizer: *“Sei que não sou Um, senão Muitos, a Gnosis me ensinou”*. Tal afirmação, ainda que fosse muito sincera, se não existisse plena experiência vivida sobre esse aspecto doutrinário, obviamente tal afirmação seria algo meramente externo e superficial.

Evidenciar, experimentar e compreender é o fundamental, só assim é possível trabalhar conscientemente para lograr uma mudança radical.

Afirmar é uma coisa e compreender é outra. Quando alguém diz: *“Compreendo que não sou Um, senão Muitos”*, se sua compreensão é verdadeira e não mero palavreado insubstancial de conversa ambígua, isto indica, assinala, acusa, plena verificação da Doutrina dos Muitos Eus.

Conhecimento e Compreensão são diferentes. O primeiro destes é da mente, o segundo do coração.

O mero conhecimento da Doutrina dos Muitos Eus de nada serve; desafortunadamente nestes tempos em que vivemos, o conhecimento tem ido muito mais além da compreensão, porque o pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem desenvolveu exclusivamente o lado do conhecimento, esquecendo lamentavelmente o correspondente lado do Ser.

Conhecer a Doutrina dos Muitos Eus e compreendê-la é fundamental para toda mudança radical verdadeira.

Quando um homem começa a observar detidamente a si mesmo, desde o ângulo de que não é Um, senão muitos, obviamente iniciou o trabalho sério sobre sua natureza interior.

CAPÍTULO XIII

OBSERVADOR E OBSERVADO

É muito claro e não resulta difícil compreender que, quando alguém começa a observar-se a si mesmo seriamente desde o ponto de vista que não é Um, senão Muitos, começa realmente a trabalhar sobre tudo isso que carrega dentro de si.

É óbice, obstáculo, tropeço, para o trabalho de Auto-observação Íntima, os seguintes defeitos Psicológicos: Mitomania, (Delírio de Grandeza, crer-se um Deus). Egoíatria, (Crença em um EU Permanente; Adoração a qualquer espécie de Alter-Ego). Paranoia, (Sabichonice, Autossuficiência, presunção, crer-se infalível, orgulho místico, pessoa que não sabe ver o ponto de vista alheio).

Quando se continua com a convicção absurda que se é Um, que se possui um Eu permanente, resulta algo mais que impossível o trabalho sério sobre si mesmo.

Quem sempre se crê Um, nunca será capaz de separar-se de seus próprios elementos indesejáveis. Considerará a cada pensamento, sentimento, desejo, emoção, paixão, afeto, etc., etc., etc., como funcionalismos diferentes, imodificáveis, de sua própria natureza e até se justificará ante os demais dizendo que tais ou quais defeitos pessoais são de caráter hereditário...

Quem aceita a Doutrina dos Muitos Eus, compreende, à base de observação, que cada desejo, pensamento, ação, paixão, etc., corresponde a este ou outro Eu distinto, diferente...

Qualquer atleta da Auto-observação íntima trabalha muito seriamente dentro de si mesmo e se esforça em apartar de sua Psique os diversos elementos indesejáveis que carrega dentro...

Se alguém de verdade e muito sinceramente começa a observar-se internamente, resulta dividindo-se em dois: Observador e Observado.

Se tal divisão não fosse produzida, é evidente que nunca daríamos um passo adiante na Via maravilhosa do Autoconhecimento.

Como poderíamos observar-nos a nós mesmos se cometemos o erro de não querer dividir-nos entre Observador e Observado?

Se tal divisão não se produzisse, é óbvio que nunca daríamos um passo adiante no caminho do Autoconhecimento.

Indubitavelmente, quando esta divisão não se sucede, continuamos identificados com todos os processos do Eu Pluralizado...

Quem se identifica com os diversos processos do Eu Pluralizado é sempre vítima das circunstâncias.

Como poderia modificar circunstâncias aquele que não se conhece a si mesmo? Como poderia conhecer-se a si mesmo quem nunca se observou internamente? De que maneira poderia alguém auto-observar-se se não se divide previamente em Observador e Observado?

Agora bem, ninguém pode começar a mudar radicalmente enquanto não seja capaz de dizer: *“Este desejo é um Eu animal que devo eliminar”*; *“este pensamento egoísta é outro Eu que me atormenta e que necessito desintegrar”*; *“este sentimento que fere meu coração é um Eu intruso que necessito reduzir à poeira cósmica”*; etc., etc., etc.

Naturalmente isto é impossível para quem nunca tenha se dividido entre Observador e Observado.

Quem toma todos os seus processos Psicológicos como funcionalismos de um Eu Único, Individual e Permanente, encontra-se tão identificado com todos seus erros, os têm tão unidos a si mesmo, que perde por tal motivo a capacidade para separá-los de sua Psique.

Obviamente pessoas assim jamais podem mudar radicalmente, são pessoas condenadas ao mais rotundo fracasso.

CAPÍTULO XIV

PENSAMENTOS NEGATIVOS

Pensar profundamente e com plena atenção resulta estranho nesta época involutiva e decadente.

Do Centro Intelectual surgem diversos pensamentos provenientes, não de um Eu permanente como supõem nesciamente os ignorantes ilustrados, senão dos diferentes “Eus” em cada um de Nós.

Quando um homem está pensando, crê firmemente que ele em si mesmo e por si mesmo está pensando.

Não quer dar-se conta, o pobre mamífero intelectual, de que os múltiplos pensamentos que por seu entendimento cruzam, tem sua origem nos distintos “Eus” que levamos dentro de nós.

Isto significa que não somos verdadeiros indivíduos pensantes; realmente ainda não temos mente individual.

Contudo, cada um dos diferentes “Eus” que carregamos dentro usa nosso Centro Intelectual, utiliza-o cada vez que pode para pensar.

Absurdo seria, pois, nos identificarmos com tal ou qual pensamento negativo e prejudicial, crendo-o propriedade particular.

Obviamente este ou aquele pensamento negativo provém de qualquer “Eu” que em um momento dado tenha usado abusivamente nosso Centro Intelectual.

Pensamentos negativos existem de diferentes espécies: suspeita, desconfiança, má vontade para outra pessoa, ciúmes passionais, ciúmes religiosos, ciúmes políticos, ciúmes por amizades ou do tipo familiar, cobiça, luxúria, vingança, ira, orgulho, inveja, ódio, ressentimento, furto, adultério, preguiça, gula, etc., etc., etc.

Realmente são tantos os defeitos psicológicos que temos, que ainda que tivéssemos palato de aço e mil línguas para falar, não alcançaríamos enumerá-los cabalmente.

Como consequência ou corolário do que foi antes dito, resulta descabido identificar-nos com os pensamentos negativos.

Como não é possível que exista efeito sem causa, afirmamos solenemente que nunca poderia existir um pensamento por si mesmo, por geração espontânea...

A relação entre pensador e pensamento é ostensível; cada pensamento negativo tem sua origem em um pensador diferente.

Em cada um de nós existem tantos pensadores negativos, quantos pensamentos da mesma índole.

Vista esta questão do ângulo pluralizado de “Pensadores e Pensamentos”, sucede que cada um dos “Eus” que carregamos em nossa Psique, é certamente um pensador diferente.

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós, existem muitos pensadores; Contudo, cada um destes apesar de ser tão só uma parte, crê-se ser o todo, em um momento dado...

Os mitômanos, os ególatras, os narcisistas, os paranoicos, nunca aceitariam a tese de “A Pluralidade de Pensadores”, porque se querem demais a si mesmos, se sentem “o papai de Tarzan” ou “a mamãe dos pintinhos”...

Como poderiam tais pessoas anormais aceitar a ideia de que não possuem uma mente individual, genial, maravilhosa?...

Contudo tais Sabichões pensam de si mesmos o melhor e até se vestem com a túnica de Aristipo para demonstrar sabedoria e humildade...

Conta por aí a lenda dos séculos, que Aristipo, querendo demonstrar sabedoria e humildade, vestiu-se com uma velha túnica cheia de remendos e buracos; empunhou com a destra o Bastão da Filosofia e se foi pelas ruas de Atenas...

Dizem que quando Sócrates o viu chegando, exclamou com grande voz: “*Oh Aristipo, vê-se tua vaidade através dos buracos de tua vestimenta!*”.

Quem não vive sempre em estado de Alerta Novidade, Alerta Percepção, pensando o que está pensando, identifica-se facilmente com qualquer pensamento negativo.

Como resultado disto, fortalece lamentavelmente o poder sinistro do “Eu Negativo”, autor do correspondente pensamento em questão.

Quanto mais nos identificamos com um pensamento negativo, mais escravos seremos do correspondente “Eu” que lhe caracteriza.

Com respeito à Gnose, ao Caminho Secreto, ao trabalho sobre si mesmo, nossas tentações particulares encontram-se precisamente nos “Eus” que odeiam a Gnosis, o trabalho esotérico, porque não ignoram que sua existência dentro de nossa psique está mortalmente ameaçada pela Gnosis e pelo trabalho.

Esses “Eus Negativos” e briguentos apoderam-se facilmente de certos rolos mentais armazenados em nosso Centro Intelectual e originam Sequencialmente correntes mentais nocivas e prejudiciais.

Se aceitarmos esses pensamentos, esses “Eus Negativos” que em um momento dado controlam nosso Centro Intelectual, seremos então incapazes de livrar-nos de seus resultados.

Jamais devemos esquecer que todo “Eu Negativo” se “Autoengana” e “Engana”, conclusão: mente.

Cada vez que sentimos uma súbita perda de força, quando o aspirante se desilude da Gnosis, do trabalho esotérico, quando perde o entusiasmo e abandona o melhor, é óbvio que tenha sido enganado por algum Eu Negativo.

O “Eu Negativo do Adultério” aniquila os lares nobres e torna desgraçados os filhos.

O “Eu Negativo dos Ciúmes” engana os seres que se adoram e destrói a felicidade dos mesmos.

O “Eu Negativo do Orgulho Místico” engana os devotos do Caminho e estes, sentindo-se sábios, se aborrecem com seu Mestre ou lhe traem...

O Eu Negativo apela à nossas experiências pessoais, a nossas recordações, a nossos melhores anelos, a nossa sinceridade e, mediante uma rigorosa seleção de tudo isto, apresenta algo em uma falsa luz, algo que fascina e vem o fracasso...

Contudo, quando alguém descobre o “Eu” em ação, quando tenha aprendido a viver em estado de alerta, tal engano torna-se impossível.

CAPÍTULO XV

A INDIVIDUALIDADE

Crer-se “Um” certamente é uma brincadeira de muito mau gosto; desafortunadamente esta vã ilusão existe dentro de cada um de nós.

Lamentavelmente sempre pensamos de nós mesmos o melhor, jamais nos ocorre compreender que nem sequer possuímos Individualidade verdadeira.

O pior do caso é que até nos damos o falso luxo de supor que cada um de nós goza de plena consciência e vontade própria.

Pobres de nós! Quão néscio somos! Não há dúvida de que a ignorância é a pior das desgraças.

Dentro de cada um de nós existem muitos milhares de indivíduos diferentes, sujeitos distintos, Eus ou pessoas que brigam entre si, que lutam pela supremacia e que não têm ordem ou concordância alguma.

Se fôssemos conscientes, se despertássemos de tantos sonhos e fantasias, quão distinta seria a vida...

Mas para o cúmulo de nosso infortúnio, as emoções negativas e as autoconsiderações e amor-próprio, nos fascinam, nos hipnotizam, jamais nos permitem lembrar de nós mesmos, ver-nos tal qual somos...

Cremos ter uma só vontade quando na realidade possuímos muitas vontades diferentes. (Cada Eu tem a sua).

A tragicomédia de toda esta Multiplicidade Interior resulta pavorosa; as diferentes vontades interiores chocam-se entre si, vivem em conflito contínuo, atuam em diferentes direções.

Se tivéssemos verdadeira individualidade, se possuíssemos Uma Unidade em vez de uma Multiplicidade, teríamos também continuidade de propósitos, consciência desperta, vontade particular, individual.

Mudar é o indicado, contudo devemos começar por ser sinceros conosco mesmos.

Necessitamos fazer um inventário psicológico de nós mesmos para conhecer o que nos sobra e o que nos falta. É possível conseguir Individualidade, mas, se cremos tê-la, tal possibilidade desaparecerá.

É evidente que jamais lutaríamos para conseguir algo que cremos ter. A fantasia nos faz crer que somos possuidores da Individualidade e até existem no mundo escolas que assim nos ensinam.

É urgente lutar contra a fantasia, esta nos faz aparecer como se fôssemos isto ou aquilo, quando na verdade somos miseráveis, desavergonhados e perversos.

Pensamos que somos homens, quando na verdade somos tão só mamíferos intelectuais desprovidos de Individualidade.

Os mitômanos creem-se Deuses, Mahatmas, etc., sem suspeitar sequer que nem sequer têm mente individual e Vontade Consciente.

Os ególatras adoram tanto seu querido Ego, que nunca aceitariam a ideia da Multiplicidade de Egos dentro de si mesmos.

Os paranoicos, com todo orgulho clássico que lhes caracteriza, nem sequer lerão este livro...

É indispensável lutar até a morte contra a fantasia de nós mesmos, se é que não queremos ser vítimas de emoções artificiais e experiências falsas, que, além de nos colocar em situações ridículas, detêm toda possibilidade de desenvolvimento interior.

O animal intelectual está tão hipnotizado por sua fantasia, que sonha que é leão ou águia quando na verdade não é mais que um vil verme do lodo da terra.

O mitômano jamais aceitaria estas afirmações feitas linhas acima; obviamente ele se sente aqui-hierofante, digam o que digam; sem suspeitar que a fantasia é meramente nada, “nada senão fantasia”.

A fantasia é uma força real que atua universalmente sobre a humanidade e que mantém o Humanoide Intelectual em estado de sonho, fazendo-lhe crer que já é um homem, que possui verdadeira Individualidade, vontade, consciência desperta, mente particular, etc., etc., etc.

Quando pensamos que somos um, não podemos mover-nos de onde estamos em nós mesmos, permanecemos estancados e por último degeneramos, involucionamos.

Cada um de nós encontra-se em determinada etapa psicológica e não poderemos sair da mesma, a menos que descubramos diretamente a todas essas pessoas ou Eus que vivem dentro de nossa pessoa.

É claro que mediante a auto-observação íntima poderemos ver as pessoas que vivem em nossa psique e que precisamos eliminar para lograr a transformação radical.

Esta percepção, esta auto-observação, muda fundamentalmente todos os conceitos equivocados que sobre nós mesmos tínhamos e, como resultado,

evidenciamos o fato concreto de que não possuímos verdadeira Individualidade.

Enquanto não nos auto-observamos, viveremos na ilusão de que somos Um e em consequência nossa vida será equivocada.

Não é possível nos relacionar corretamente com nossos semelhantes enquanto não se realize uma mudança interior no fundo de nossa psique.

Qualquer mudança íntima exige a eliminação previa dos Eus que levamos dentro.

De nenhuma maneira poderíamos eliminar tais Eus se não os observamos em nosso interior.

Aqueles que se sentem Um, que pensam de si mesmos o melhor, que nunca aceitariam a doutrina dos muitos, tampouco desejam observar aos Eus e, portanto, qualquer possibilidade de mudança torna-se neles impossível.

Não é possível mudar se não se elimina, mas quem se sente possuidor da Individualidade, se aceitasse que deve eliminar, ignoraria realmente o que é o que deve eliminar.

Entretanto, não devemos esquecer que quem crê ser Um, autoenganado-se crê que sim sabe o que deve eliminar, mas na verdade nem sequer sabe que não sabe, é um ignorante ilustrado.

Necessitamos “desegoistizar-nos” para “individualizar-nos”, mas quem crê que possui a Individualidade é impossível que possa desegoistizar-se.

A Individualidade é sagrada em cem por cento, raros são os que a têm, mas todos pensam que a têm. Como poderíamos eliminar “Eus”, se cremos que temos um “Eu” Único?

Certamente, só quem jamais tenha se Auto-observado seriamente pensa que tem um Eu Único.

Embora devemos ser muito claros neste ensinamento, porque existe o perigo psicológico de confundir a Individualidade autêntica com o conceito de alguma espécie de “Eu Superior” ou algo pelo estilo.

A Individualidade Sagrada está muito mais além de qualquer forma de “Eu”, é o que é, o que sempre foi e o que sempre será.

A legítima Individualidade é o Ser, e a razão de Ser do Ser, é o próprio Ser.

Distinga-se entre o Ser e o Eu. Aqueles que confundem o Eu com o Ser, certamente nunca se auto-observaram seriamente.

Enquanto continue a Essência, a consciência, engarrafada entre todo esse conjunto de Eus que levamos dentro de nós, a mudança radical será algo mais que Impossível.

CAPÍTULO XVI

O LIVRO DA VIDA

Uma pessoa é o que é sua vida. Isso que continua mais além da morte, é a vida. Este é o significado do livro da vida que se abre com a morte.

Observada esta questão do ponto de vista estritamente psicológico, um dia qualquer de nossa vida é realmente uma pequena réplica da totalidade da vida.

De tudo isto podemos inferir o seguinte: se um homem não trabalha sobre si mesmo hoje, não mudará nunca.

Quando se afirma que se quer trabalhar sobre si mesmo e não se trabalha hoje adiando para amanhã, tal afirmação será um simples projeto e nada mais, porque no hoje está a réplica de toda nossa vida.

Existe por aí um ditado vulgar que diz: *“Não deixeis para amanhã o que se pode fazer hoje mesmo”*.

Se um homem diz: *“Trabalharei sobre mim mesmo amanhã”*, nunca trabalhará sobre si mesmo, porque sempre haverá um amanhã.

Isto é muito similar a certo aviso, anúncio ou letreiro que alguns comerciantes põem em suas lojas: *“FIADO SOMENTE AMANHÃ”*.

Quando algum necessitado chega a solicitar crédito, topa com o terrível aviso e, se volta no outro dia, encontra outra vez o desditado anúncio ou letreiro.

Isto é o que se chama em psicologia a *“enfermidade do amanhã”*. Enquanto um homem disser *“amanhã”*, nunca mudará.

Necessitamos com urgência máxima, inadiável, trabalhar sobre o si mesmo hoje, não sonhar preguiçosamente em um futuro ou em uma oportunidade extraordinária.

Esses que dizem: *“Vou antes fazer isto ou aquilo e logo trabalharei”*. Jamais trabalharão sobre si mesmos, esses são os moradores da terra mencionados nas Sagradas Escrituras.

Conheci um poderoso proprietário de terras que dizia: *“Necessito primeiro arredondar-me e logo trabalharei sobre Mim Mesmo”*.

Quando se adoentou de morte lhe visitei, então lhe fiz a seguinte pergunta: *“Ainda queres arredondar-te?”*

“Lamento de verdade ter perdido o tempo”, me respondeu. Dias depois morreu, depois de ter reconhecido seu erro.

Aquele homem tinha muitas terras, porém queria apoderar-se das propriedades vizinhas, “arredondar-se”, a fim de que sua fazenda ficasse exatamente limitada por quatro caminhos.

“Basta a cada dia seu afã!”, disse o Grande KABIR JESUS. Auto-observar-nos hoje mesmo, no tocante ao dia sempre recorrente, miniatura de nossa vida inteira.

Quando um homem começa a trabalhar sobre si mesmo, hoje mesmo, quando observa seus desgostos e penas, marcha pelo caminho do êxito.

Não seria possível eliminar o que não conhecemos. Devemos observar antes nossos próprios erros.

Necessitamos não só conhecer nosso dia, senão também a relação com o mesmo. Há certo dia ordinário que cada pessoa experimenta diretamente, exceto os acontecimentos insólitos, inusitados.

Resulta interessante observar a recorrência diária, a repetição de palavras e acontecimentos, para cada pessoa, etc.

Essa repetição ou recorrência de eventos e palavras merece ser estudada, nos conduz ao autoconhecimento.

CAPÍTULO XVII

CRIATURAS MECÂNICAS

De nenhuma maneira poderíamos negar a Lei da Recorrência processando-se em cada momento de nossa vida.

Certamente em cada dia de nossa existência, existe repetição de eventos, estados de consciência, palavra, desejos, pensamentos, volições, etc.

É óbvio que quando alguém não se auto-observa, não pode dar-se conta desta incessante repetição diária.

Resulta evidente que quem não sente interesse algum em observar a si mesmo, tampouco deseja trabalhar para lograr uma verdadeira transformação radical.

Para o cúmulo dos cúmulos há pessoas que querem transformar-se sem trabalhar sobre si mesmas.

Não negamos o fato de que cada um tem direito à real felicidade do espírito, mas também é certo que a felicidade seria algo mais que impossível se não trabalhamos sobre nós mesmos.

Alguém pode mudar intimamente quando de verdade consegue modificar suas reações ante os diversos fatos que lhe sobrevêm diariamente.

Porém não poderíamos modificar nossa forma de reagir ante os fatos da vida prática se não trabalhássemos seriamente sobre nós mesmos.

Necessitamos mudar nossa maneira de pensar, sermos menos negligentes, tornarmo-nos mais sérios e tomar a vida de forma diferente, em seu sentido real e prático.

Mas, se continuarmos assim tal como estamos, comportando-nos da mesma forma todos os dias, repetindo os mesmos erros, com a mesma negligência de sempre, qualquer possibilidade de mudança ficará de fato eliminada.

Se alguém de verdade quer chegar a conhecer a si mesmo, deve começar a observar sua própria conduta diante dos acontecimentos de qualquer dia da vida.

Não queremos dizer com isto que não deva alguém observar a si mesmo diariamente, só queremos afirmar que deve-se começar a observar um primeiro dia.

Em tudo deve haver um começo e começar por observar nossa conduta em qualquer dia de nossa vida é um bom começo.

Observar nossas reações mecânicas ante todos esses pequenos detalhes de alcova, lar, sala de jantar, casa, rua, trabalho, etc., etc., etc., o que alguém diz, sente e pensa, é certamente o mais indicado.

O importante é ver logo como ou de que maneira pode alguém mudar essas reações; porém, se cremos que somos boas pessoas, que nunca nos comportamos de forma inconsistente e equivocada, nunca mudaremos.

Antes de tudo precisamos compreender que somos pessoas-máquinas, simples marionetes controladas por agentes secretos, por Eus ocultos.

Dentro de nossa pessoa vivem muitas pessoas, nunca somos idênticos; às vezes se manifesta em nós uma pessoa mesquinha, outras vezes uma pessoa irritável, em qualquer outro instante uma pessoa esplêndida, benevolente, mais tarde uma pessoa escandalosa ou caluniadora, depois um santo, logo um mentiroso, etc.

Temos pessoas de todo tipo dentro de cada um de nós, Eus de toda espécie. Nossa personalidade não é mais que uma marionete, um boneco falante, algo mecânico.

Começemos por nos comportar conscientemente durante uma pequena parte do dia; necessitamos deixar de ser simples máquinas, ainda que seja durante breves minutos diários, isso influirá decisivamente sobre nossa existência.

Quando nos Auto-observamos e não fazemos o que tal ou qual Eu quer, é claro que começamos a deixar de ser máquinas.

Um só momento em que se está bastante consciente, como para deixar de ser máquina, se feito voluntariamente, costuma modificar radicalmente muitas circunstâncias desagradáveis.

Desgraçadamente vivemos diariamente uma vida mecanicista, rotineira, absurda. Repetimos acontecimentos, nossos hábitos são os mesmos, nunca quisemos modificá-los, é o trilho mecânico por onde circula o trem de nossa miserável existência, embora pensemos de nós o melhor...

Por todos os lados abundam os “MITÔMANOS”, aqueles que se creem Deuses; criaturas mecânicas, rotineiras, personagens do lodo da terra, míseros bonecos movidos por diversos Eus; pessoas assim não trabalharão sobre si mesmos...

CAPÍTULO XVIII

O PÃO SUPERSUBSTANCIAL

Se observarmos cuidadosamente qualquer dia de nossa vida, veremos que certamente não sabemos viver conscientemente.

Nossa vida parece um trem em marcha, movendo-se nos trilhos fixos dos hábitos mecânicos, rígidos, de uma existência vã e superficial.

O curioso do caso é que jamais nos ocorre modificar nossos hábitos, parece que não nos cansamos de repetir sempre o mesmo.

Os hábitos nos têm petrificado, mas pensamos que somos livres; somos espantosamente feios, porém nos cremos Apolos...

Somos pessoas mecânicas, motivo mais que suficiente para carecer de todo sentimento verdadeiro do que se está fazendo na vida.

Movemo-nos diariamente dentro do velho trilho de nossos hábitos antiquados e absurdos e assim é claro que não temos uma verdadeira vida; em vez de viver, vegetamos miseravelmente e não recebemos novas impressões.

Se uma pessoa iniciasse seu dia conscientemente, é ostensível que tal dia seria muito distinto dos outros dias.

Quando alguém toma toda sua vida, como o mesmo dia que está vivendo, quando não deixa para amanhã o que se deve fazer hoje mesmo, chega realmente a conhecer o que significa trabalhar sobre si mesmo.

Jamais um dia carece de importância; se na verdade queremos transformar-nos radicalmente, devemos ver-nos, observar-nos e compreender-nos diariamente.

Contudo, as pessoas não querem ver-se a si mesmas, alguns tendo vontade de trabalhar sobre si mesmos, justificam sua negligência com frases como a seguinte: *“O trabalho no escritório não permite trabalhar sobre nós mesmos”*. Palavras estas sem sentido, ocas, vãs, absurdas, que só servem para justificar a indolência, a preguiça, a falta de amor pela Grande Causa.

Pessoas assim, ainda que tenham muitas inquietações espirituais, é óbvio que não mudarão nunca.

Observar-nos a nós mesmos é urgente, inadiável, impostergável. A Auto-observação íntima é fundamental para a mudança verdadeira.

Qual é o seu estado psicológico ao levantar-se? Qual é o seu estado de ânimo durante o café da manhã? Esteve impaciente com o garçom? Com a esposa? Por que esteve impaciente? O que é que sempre lhe transtorna? Etc.

Fumar ou comer menos não é toda a mudança, mas indica-se certo avanço. Bem sabemos que o vício e a glotonaria são desumanos e bestiais.

Não é bom que alguém dedicado ao Caminho Secreto tenha um corpo físico excessivamente gordo e com um ventre aumentado e fora de toda eutímia de perfeição. Isso indicaria glotonaria, gula e até preguiça.

A vida cotidiana, a profissão, o emprego, ainda que vitais para a existência, constituem o sonho da consciência.

Saber que a vida é sonho não significa tê-lo compreendido. A compreensão vem com a auto-observação e o trabalho intenso sobre si mesmo.

Para trabalhar sobre si mesmo, é indispensável trabalhar sobre sua vida diária, hoje mesmo, e então se compreenderá o que significa aquela frase da Oração do Senhor: *“Dai-nos o Pão nosso de cada dia”*.

A frase “Cada Dia” significa o “Pão supersubstancial” em grego ou o “Pão do Alto”.

A Gnosis dá esse Pão de Vida no duplo sentido de ideias e forças que nos permitem desintegrar erros psicológicos.

Cada vez que reduzimos a poeira cósmica tal ou qual “Eu”, ganhamos experiência psicológica, comemos o “Pão da Sabedoria”, recebemos um novo conhecimento.

A Gnosis nos oferece o “Pão Supersubstancial”, o “Pão da Sabedoria”, e nos assinala com precisão a nova vida que começa na própria pessoa, dentro da própria pessoa, aqui e agora.

Agora, bem, ninguém pode alterar sua vida ou mudar coisa alguma relacionada com as reações mecânicas da existência, a menos que conte com a ajuda de novas ideias e receba auxílio Divino.

A Gnosis dessas novas ideias ensina o “modus operandi” mediante o qual alguém pode ser assistido por Forças Superiores à mente.

Necessitamos preparar os centros inferiores de nosso organismo para receber as ideias e forças que vêm dos centros Superiores.

No trabalho sobre si mesmo não existe nada desprezível.

Qualquer pensamento por mais insignificante que seja, merece ser observado. Qualquer emoção negativa, reação, etc., deve ser observada.

CAPÍTULO XIX

O BOM DONO DE CASA

Afastar-se dos efeitos desastrosos da vida, nestes tempos tenebrosos, certamente é muito difícil, porém indispensável, de outro modo é devorado pela vida.

Qualquer trabalho que alguém faça sobre si mesmo com o propósito de conseguir um desenvolvimento anímico e espiritual se relaciona sempre com o isolamento muito bem entendido, pois sob a influência da vida tal como sempre a vivemos, não é possível desenvolver outra coisa que a personalidade.

De modo algum intentamos nos opor ao desenvolvimento da personalidade, obviamente esta é necessária na existência, mas certamente é algo meramente artificial, não é o verdadeiro, o real em nós.

Se o pobre mamífero intelectual equivocadamente chamado homem não se isola, senão se identifica com todas os acontecimentos da vida prática e desperdiça suas forças em emoções negativas, em autoconsiderações pessoais e em vão palavreado insubstancial de conversa ambígua, nada edificante, nenhum elemento real pode desenvolver-se nele, fora do que pertence ao mundo da mecanicidade.

Certamente quem quiser de verdade lograr em si o desenvolvimento da Essência, deve chegar a estar hermeticamente fechado. Isto refere-se a algo íntimo estreitamente relacionado com o silêncio.

A frase vem dos tempos antigos, quando se ensinava secretamente uma Doutrina sobre o desenvolvimento interior do homem vinculada com o nome de Hermes.

Se alguém quiser que algo real cresça em sua interioridade, é claro que deve evitar o escape de suas energias psíquicas.

Quando alguém tem escapes de energia e não está isolado em sua intimidade, é inquestionável que não poderá lograr o desenvolvimento de algo real em sua psique.

A vida ordinária comum e corrente quer nos devorar implacavelmente; nós devemos lutar contra a vida diariamente, devemos aprender a nadar contra a corrente...

Este trabalho vai contra a vida, se trata de algo muito distinto ao de todos os dias e que, contudo, devemos praticar de instante em instante; quero me referir à Revolução da Consciência.

É evidente que se nossa atitude diante da vida diária é fundamentalmente equivocada; se cremos que tudo marcha bem, assim, porque sim, virão os desenganos...

As pessoas querem que as coisas lhes saiam bem, “assim, porque sim”, porque tudo deve marchar de acordo com seus planos, mas a crua realidade é diferente, enquanto alguém não mudar interiormente, goste ou não goste, será sempre vítima, das circunstâncias.

Diz-se e escreve-se sobre a vida muita estupidez sentimental, mas este Tratado de Psicologia Revolucionária é diferente.

Esta Doutrina vai ao grão, aos fatos concretos, claros e definitivos; afirma enfaticamente que o “Animal Intelectual” equivocadamente chamado homem é um bípede mecânico, inconsciente, adormecido.

“O Bom Dono de Casa” jamais aceitaria a Psicologia Revolucionária; cumpre com todos os seus deveres como pai, marido, etc., e por isso pensa o melhor de si mesmo, porém só serve aos fins da natureza e isso é tudo.

Por oposição diremos que também existe “O Bom Dono de Casa” que nada contra a corrente, que não quer deixar-se devorar pela vida; porém estes sujeitos são muito escassos no mundo, não abundam nunca.

Quando alguém pensa de acordo com as ideias deste «Tratado de Psicologia Revolucionária», obtém uma correta visão da vida.

CAPÍTULO XX

OS DOIS MUNDOS

Observar e observar-se a si mesmo são duas coisas completamente diferentes, contudo, ambas exigem atenção. Na observação, a atenção é orientada para fora, para o mundo exterior, através das janelas dos sentidos.

Na auto-observação de si mesmo, a atenção é orientada para dentro e para isso os sentidos de percepção externa não servem, motivo este mais que suficiente para que seja difícil ao neófito a observação de seus processos psicológicos íntimos.

O ponto de partida da ciência oficial em seu lado prático é o observável. O ponto de partida do trabalho sobre si mesmo, é a auto-observação, o auto-observável.

Inquestionavelmente, estes dois pontos de partida citados linhas acima nos levam a direções completamente diferentes.

Poderia alguém envelhecer enfrascado entre os dogmas intransigentes da ciência oficial, estudando fenômenos externos, observando células, átomos, moléculas, sóis, estrelas, cometas, etc., sem experimentar dentro de si mesmo nenhuma mudança radical.

A classe de conhecimento que transforma interiormente a alguém jamais poderia lograr-se mediante a observação externa.

O verdadeiro conhecimento que realmente pode originar em nós uma mudança interior fundamental tem por embasamento a auto-observação direta de si mesmo.

É urgente dizer a nossos estudantes Gnósticos que observem a si mesmos e em que sentido devem auto-observar-se e as razões para isso.

A observação é um meio para modificar as condições mecânicas do mundo. A auto-observação Interior é um meio para mudar intimamente.

Como consequência ou corolário de tudo isto, podemos e devemos afirmar de forma enfática que existem duas classes de conhecimento, o externo e o interno, e que a menos que tenhamos em nós mesmos o centro magnético que possa diferenciar as qualidades do conhecimento, esta mescla dos dois planos ou ordens de ideias poderia levar-nos à confusão.

Doutrinas Sublimes pseudoesotéricas, com marcado cientificismo de fundo, pertencem ao terreno do observável, contudo são aceitas por muitos aspirantes como conhecimento interno.

Encontramo-nos, pois, ante dois mundos, o exterior e o interior. O primeiro destes é percebido pelos sentidos de percepção externa; o segundo só pode ser percebido mediante o sentido de auto-observação interna.

Pensamentos, ideias, emoções, anelos, esperanças, desenganos, etc., são interiores, invisíveis para os sentidos ordinários, comuns e correntes e, contudo, são para nós mais reais que a mesa da sala de jantar ou as poltronas da sala.

Certamente nós vivemos mais em nosso mundo interior que no exterior; isto é irrefutável, irrefutável.

Em nossos Mundos Internos, em nosso mundo secreto, amamos, desejamos, suspeitamos, bendizemos, maldizemos, anelamos, sofremos, gozamos, somos defraudados, premiados, etc., etc., etc.

Inquestionavelmente os dois mundos, interno e externo, são verificáveis experimentalmente. O mundo exterior é o observável. O mundo interior é o auto-observável em si mesmo e dentro de si mesmo, aqui e agora.

Quem quiser de verdade conhecer os “Mundos Internos” do planeta Terra ou do Sistema Solar ou da Galáxia em que vivemos, deve conhecer previamente seu mundo íntimo, sua vida interior, particular, seus próprios “Mundos Internos”. *“Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses”*.

Quanto mais explore este “Mundo Interior” chamado “Nós Mesmos”, mais compreenderá que vive simultaneamente em dois mundos, em duas realidades, em dois âmbitos, o exterior e o interior.

Do mesmo modo que para alguém é indispensável aprender a caminhar no “mundo exterior”, ..para não cair em um precipício, não se extraviar nas ruas da cidade, selecionar suas amizades, não se associar com perversos, não tomar veneno, etc.,

assim também, mediante o trabalho psicológico sobre si mesmo, aprendamos a caminhar no “Mundo Interior”, o qual é explorável mediante a auto-observação de si mesmo.

Realmente o sentido de auto-observação de si mesmo encontra-se atrofiado na raça humana decadente desta época tenebrosa em que vivemos.

À medida que nós perseveramos na auto-observação de nós mesmos, o sentido de auto-observação íntima irá se desenvolvendo progressivamente.

CAPÍTULO XXI

OBSERVAÇÃO DE SI MESMO

A Auto-Observação íntima de si mesmo é um meio prático para lograr uma transformação radical.

Conhecer e observar são diferentes. Muitos confundem a observação de si com o conhecer. Conhece-se que estamos sentados em uma cadeira em uma sala, mas isto não significa que estamos observando a cadeira.

Conhecemos que em um dado instante nos encontramos em um estado negativo, talvez com algum problema ou preocupados com este ou aquele assunto ou em estado de desassossego ou incerteza, etc., porém isto não significa que o estamos observando.

Sente você antipatia por alguém? Lhe cai mal certa pessoa? Por quê? Você dirá que conhece essa pessoa... Por favor! Observe-a, conhecer nunca é observar; não confunda o conhecer com o observar...

A observação de si mesmo, que é cem por cento ativa, é um meio de mudança de si, enquanto o conhecer, que é passivo, não o é.

Certamente, conhecer não é um ato de atenção. A atenção dirigida para dentro de nós mesmos, para o que está sucedendo em nosso interior sim é algo positivo, ativo...

No caso de uma pessoa a quem se tem antipatia, assim, porque sim, porque nos vem à vontade e muitas vezes sem motivo algum, alguém percebe a multidão de pensamentos que se acumulam na mente, o grupo de vozes que falam e gritam desordenadamente dentro da própria pessoa, o que estão dizendo, as emoções desagradáveis que surgem em nosso interior, o sabor desagradável que tudo isto deixa em nossa psique, etc., etc., etc.

Obviamente em tal estado nos damos conta também de que interiormente estamos tratando muito mal a pessoa a quem temos antipatia.

Mas, para ver tudo isto, se necessita inquestionavelmente de uma atenção dirigida intencionalmente para dentro de si mesmo; não de uma atenção passiva.

A atenção dinâmica provém realmente do lado observador, enquanto os pensamentos e as emoções pertencem ao lado observado.

Tudo isto nos faz compreender que o conhecer é algo completamente passivo e mecânico, em contraste evidente com a observação de si que é um ato consciente.

Não queremos dizer com isto que não existia a observação mecânica de si, mas tal tipo de observação nada tem a ver com a auto-observação psicológica a que estamos nos referindo.

Pensar e observar resultam também muito diferentes. Qualquer sujeito pode dar-se ao luxo de pensar sobre si mesmo tudo o que quiser, porém isto não quer dizer que se esteja observando realmente.

Necessitamos ver os distintos “Eus” em ação, descobri-los em nossa psique, compreender que dentro de cada um deles existe uma porcentagem de nossa própria consciência, arrepender-nos de havê-los criado, etc.

Então exclamaremos: *“Mas o que está fazendo este Eu?”*, *“O que está dizendo?”*, *“O que é que quer?”*, *“Por que me atormenta com sua luxúria?”*, *“Com sua ira?”*, etc., etc., etc.

Então veremos dentro de nós mesmos, todo esse trem de pensamentos, emoções, desejos, paixões, comédias privadas, dramas pessoais, elaboradas mentiras, discursos, desculpas, morosidades, leitos de prazer, quadros de lascívia, etc., etc., etc.

Muitas vezes antes de dormirmos, no preciso instante de transição entre vigília e sono, sentimos dentro de nossa própria mente distintas vozes que falam entre si, são os distintos Eus, que devem romper em tais momentos toda conexão com os distintos centros de nossa máquina orgânica a fim de submergir-se logo no mundo molecular, na “Quinta Dimensão”.

CAPÍTULO XXII

A CONVERSA

Resulta urgente, inadiável, impostergável, observar a conversa interior e o lugar preciso de onde provém.

Inquestionavelmente a conversa interior equivocada é a “*Causa Causarum*” de muitos estados psíquicos desarmônicos e desagradáveis no presente e também no futuro.

Obviamente esse vão palavreado insubstancial de conversa ambígua e em geral todo diálogo prejudicial, daninho, absurdo, manifestado no mundo exterior, têm sua origem na conversação interior equivocada.

Sabe-se que existe na Gnosis a prática esotérica do silêncio interior; isto o conhece nossos discípulos de “Terceira Câmara”.

Não está demais dizer com inteira clareza que o silêncio interior deve referir-se especificamente há algo muito preciso e definido.

Quando o processo do pensar se esgota intencionalmente durante a meditação interior profunda, se logra o silêncio interior; mas não é isto o que queremos explicar no presente capítulo.

“Esvaziar a mente” ou “colocá-la em branco” para lograr realmente o silêncio interior, tampouco é o que tentamos explicar agora nestes parágrafos.

Praticar o silêncio interior a que estamos nos referindo tampouco significa impedir que algo penetre na mente.

Realmente estamos falando agora mesmo de um tipo de silêncio interior muito diferente. Não se trata de algo vago e geral...

Queremos praticar o silêncio interior com relação a algo que já esteja na mente, pessoa, acontecimento, assunto próprio ou alheio, o que nos contaram, o que fez fulano, etc., porém sem tocá-lo com a língua interior, sem discurso íntimo...

Aprender a calar não somente com a língua exterior, senão também, além disso, com a língua secreta, interna, resulta extraordinário, maravilhoso.

Muitos calam exteriormente, mas com sua língua interior esfolam vivo ao próximo. A conversa interior venenosa e malévola produz confusão interior.

Ao observar a conversa interior equivocada se verá que está feita de meias verdades, ou de verdades que se relacionam entre si de um modo mais ou menos incorreto, ou algo que se agregou ou se omitiu.

Desgraçadamente nossa vida emocional fundamenta-se exclusivamente na “autossimpatia”.

Para o cúmulo de tanta infâmia só simpatizamos conosco mesmos, com nosso tão “querido Ego”, e sentimos antipatia e até ódio com aqueles que não simpatizam conosco.

Queremo-nos demasiado a nós mesmos, somos narcisistas em cem por cento, isto é irrefutável, irrefutável.

Enquanto continuarmos engarrafados na “autossimpatia”, qualquer desenvolvimento do Ser torna-se algo mais que impossível.

Necessitamos aprender a ver o ponto de vista alheio. É urgente saber nos pôr na posição dos outros.

“Assim que, todas as coisas que queirais que os homens façam convosco, assim também fazeis vós com eles” (Mateus: VII, 12).

O que verdadeiramente conta nestes estudos é a maneira como os homens se comportam interna e invisivelmente uns com os outros.

Desafortunadamente e ainda que sejamos muito corteses, até sinceros às vezes, não há dúvida de que invisível e internamente nos tratamos muito mal uns aos outros.

Pessoas aparentemente muito bondosas arrastam diariamente seus semelhantes para a cova secreta de si mesmos, para fazer com estes tudo o que lhes agrade (vexações, burla, escárnio, etc.).

CAPÍTULO XXIII

O MUNDO DAS RELAÇÕES

O mundo das relações tem três aspectos muito diferentes que de forma precisa necessitamos esclarecer. Primeiro: Estamos relacionados com o corpo planetário. Quer dizer, com o corpo físico.

Segundo: Vivemos no planeta Terra e por sequência lógica estamos relacionados com o mundo exterior e com as questões que interessam a nós, familiares, negócios, dinheiros, questões do ofício, profissão, política, etc., etc., etc.

Terceiro: A relação do homem consigo mesmo. Para a maioria das pessoas este tipo de relação não tem a menor importância.

Desafortunadamente às pessoas somente lhes interessa os dois primeiros tipos de relações, olhando com a mais absoluta indiferença para o terceiro tipo.

Alimento, saúde, dinheiro, negócios constituem realmente as principais preocupações do “Animal Intelectual” equivocadamente chamado “homem”.

Agora bem: Resulta evidente que tanto o corpo físico como os assuntos do mundo são exteriores a nós mesmos.

O Corpo Planetário (corpo físico) às vezes encontra-se enfermo, às vezes são, e assim sucessivamente.

Cremos sempre ter algum conhecimento de nosso corpo físico, mas na realidade nem os melhores cientistas do mundo sabem muito sobre o corpo de carne e osso.

Não há dúvida de que o corpo físico, dada sua tremenda e complicada organização, está certamente muito mais além de nossa compreensão.

No que diz respeito ao segundo tipo de relações, somos sempre vítimas das circunstâncias; é lamentável que ainda não tenhamos aprendido a originar conscientemente as circunstâncias.

São muitas as pessoas incapazes de adaptar-se a nada ou a ninguém ou ter êxito verdadeiro na vida.

Ao pensar em si mesmos desde o ângulo do trabalho esotérico Gnóstico, faz-se urgente averiguar com qual destes três tipos de relações estamos em falta.

Pode suceder o caso concreto de que estejamos equivocadamente relacionados com o corpo físico e como consequência disso, estejamos enfermos.

Pode suceder que estejamos mal relacionados com o mundo exterior e como resultado tenhamos conflitos, problemas econômicos e sociais, etc., etc., etc.

Pode ser que estejamos mal relacionados conosco mesmos e que sequencialmente soframos muito por falta de iluminação interior.

Obviamente se a lâmpada de nossa recâmara não se encontra conectada à instalação elétrica, nosso aposento estará em trevas.

Aqueles que sofrem por falta de iluminação interior devem conectar sua mente com os Centros Superiores de seu Ser.

Inquestionavelmente necessitamos estabelecer corretas relações não só com nosso Corpo Planetário (corpo físico) e com o mundo exterior, senão também com cada uma das partes de nosso próprio Ser.

Os enfermos pessimistas cansados de tantos médicos e remédios, já não desejam curar-se e os pacientes otimistas lutam para viver.

No Cassino de Monte Carlo muitos milionários que perderam sua fortuna no jogo se suicidaram. Milhões de mães pobres trabalham para sustentar seus filhos.

São incontáveis os aspirantes deprimidos que por falta de poderes psíquicos e de iluminação íntima, renunciaram ao trabalho esotérico sobre si mesmos. Poucos são os que sabem aproveitar as adversidades.

Em tempos de rigorosa tentação, abatimento e desolação, devemos apelar à recordação íntima de si mesmo.

No fundo de cada um de nós está a TONANTZIN Asteca, a STELLA MARIS, a ÍSIS Egípcia, Deus Mãe, aguardando-nos para sanar nosso dolorido coração.

Quando alguém se dá o choque da “Recordação de Si”, produz-se realmente uma mudança milagrosa em todo o trabalho do corpo, de modo que as células recebem um alimento diferente.

CAPÍTULO XXIV

A CANÇÃO PSICOLÓGICA

Chegou o momento de refletir muito seriamente sobre isso que se chama “consideração interna”.

Não cabe a menor dúvida sobre o aspecto desastroso da “autoconsideração íntima”; esta, além de hipnotizar a consciência, nos faz perder muitíssima energia.

Se alguém não cometesse o erro de identificar-se tanto consigo mesmo, a autoconsideração interior seria algo mais que impossível.

Quando alguém se identifica consigo mesmo, se quer demasiado, sente piedade por si mesmo, se autoconsidera, pensa que sempre se portou muito bem com fulano, com sicrano, com a mulher, com os filhos etc., e que ninguém soube apreciar, etc. Conclusão é um santo e todos os demais uns malvados, uns velhacos.

Uma das formas mais correntes de autoconsideração íntima é a preocupação pelo que os outros possam pensar sobre nós mesmos; talvez suponham que não somos honrados, sinceros, verídicos, valentes, etc.

O mais curioso de tudo isto é que ignoramos lamentavelmente a enorme perda de energia que esta classe de preocupações nos traz.

Muitas atitudes hostis para com certas pessoas que nenhum mal nos fizeram devem-se precisamente a tais preocupações nascidas da autoconsideração íntima.

Nestas circunstâncias, querendo-se tanto a si mesmo, autoconsiderando-se deste modo, é claro que o EU, ou melhor diríamos os Eus, em vez de extinguirem-se, se fortalecem então espantosamente.

Identificado alguém consigo mesmo se apieda muito de sua própria situação e até lhe dá por fazer contas.

Assim é como pensa que fulano, que cicrano, que o compadre, que a comadre, que o vizinho, que o patrão, que o amigo, etc., etc., etc., não lhe pagaram como se deve, apesar de todas as suas conhecidas bondades e, engarrafado nisto, torna-se insuportável e aborrecedor para todo o mundo.

Com um sujeito assim, praticamente não se pode falar, porque qualquer conversa é seguro que vai parar no seu livro de contas e seus tão cacarejados sofrimentos.

Escrito está que, no trabalho esotérico Gnóstico, só é possível o crescimento anímico mediante o perdão aos outros.

Se alguém vive de instante em instante, de momento em momento, sofrendo pelo que lhe devem, pelo que lhe fizeram, pelas amarguras que lhe causaram, sempre com sua mesma canção, nada poderá crescer em seu interior.

A Oração do Senhor disse: *“Perdoai-nos nossas dívidas assim como nós perdoamos a nossos devedores”*.

O sentimento de que lhe devem, a dor pelos males que outros lhe causaram, etc., detêm todo progresso interior da alma.

Jesus, o Grande KABIR disse: *“Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão. Em verdade te digo que não sairás dali enquanto não pagares o último quadrante”*. (Mateus, V, 25, 26).

Se nos devem, devemos. Se exigimos que nos paguem até o último denário, devemos pagar antes até o último quadrante.

Esta é a “Lei de Talião”, “Olho por olho e dente por dente”. “Círculo vicioso”, absurdo.

As desculpas, a satisfação cumprida e as humilhações que dos outros exigimos pelos males que nos causaram, também a nós nos são exigidas, ainda que nos consideremos mansas ovelhas.

Colocar-se alguém sob leis desnecessárias é absurdo, melhor é pôr-se a si mesmo sob novas influências.

A Lei da Misericórdia é uma influência mais elevada que a Lei do homem violento: *“Olho por olho, dente por dente”*.

É urgente, indispensável, inadiável, colocar-nos inteligentemente sob as influências maravilhosas do trabalho esotérico Gnóstico, esquecer que nos devem e eliminar em nossa psique qualquer forma de autoconsideração.

Jamais devemos admitir dentro de nós sentimentos de vingança, ressentimento, emoções negativas, ansiedades pelos males que nos causaram, violência, inveja, incessante recordação de dívidas, etc., etc., etc.

A Gnosis está destinada àqueles aspirantes sinceros que verdadeiramente queiram trabalhar e mudar.

Se observamos as pessoas, podemos evidenciar, de forma direta, que cada pessoa tem sua própria canção.

Cada um canta sua própria canção psicológica; quero me referir de forma enfática a essa questão das contas psicológicas; sentir que nos devem, queixar-se, autoconsiderar-se, etc.

Às vezes a pessoa “canta sua canção, assim, porque sim”, sem que lhe dê corda, sem que se lhe alente e em outras ocasiões depois de umas quantas taças de vinho...

Nós dizemos que nossa aborrecedora canção deve ser eliminada; esta nos incapacita interiormente, nos rouba muita energia.

Em questões de Psicologia Revolucionária, alguém que canta demasiado bem –não estamos nos referindo à bela voz, nem ao canto físico– certamente não pode ir mais além de si mesmo; fica no passado...

Uma pessoa impedida por tristes canções não pode mudar seu Nível de Ser; não pode ir mais além do que é. Para passar a um Nível Superior de Ser, é preciso deixar de ser o que se é; necessitamos não ser o que somos. Se continuarmos sendo o que somos, nunca poderemos passar a um Nível Superior de Ser.

No terreno da vida prática acontecem coisas insólitas. Muito frequentemente uma pessoa qualquer trava amizade com outra, só porque lhe é fácil cantar-lhe sua canção.

Desafortunadamente tal classe de relações termina quando ao cantor pedem que se cale, que mude o disco, que fale de outra coisa, etc.

Então o cantor ressentido se vai em busca de um novo amigo, de alguém que esteja disposto a escutá-lo por tempo indefinido.

O cantor exige compreensão, alguém que lhe compreenda, como se fosse tão fácil compreender outra pessoa.

Para compreender outra pessoa é preciso compreender-se a si mesmo. Desafortunadamente o bom cantor crê que se compreende a si mesmo.

São muitos os cantores decepcionados que cantam a canção de não serem compreendidos e sonham com um mundo maravilhoso onde eles são as figuras centrais.

Contudo nem todos os cantores são públicos, também há os reservados; não cantam sua canção diretamente, mas secretamente a cantam.

São pessoas que trabalharam muito, que sofreram demasiado, sentem-se defraudadas, pensam que a vida lhes deve tudo aquilo que nunca foram capazes de lograr.

Sentem geralmente uma tristeza interior, uma sensação de monotonia e espantoso aborrecimento, cansaço íntimo ou frustração, dos quais ao redor se amontoam os pensamentos.

Inquestionavelmente as canções secretas nos fecham o passo no caminho da autorrealização íntima do Ser.

Desgraçadamente tais canções interiores secretas passam despercebidas para si mesmo a menos que intencionalmente as observemos.

Obviamente toda observação de si deixa penetrar a luz em si mesmo, em suas profundezas íntimas.

Nenhuma mudança interior poderia ocorrer em nossa psique a menos que seja levada à luz da observação de si mesmo.

É indispensável observar-se a si mesmo estando só, do mesmo modo que ao estar em relação com as pessoas.

Quando alguém está só, “Eus” muito diferentes, pensamentos muito distintos, emoções negativas, etc., apresentam-se.

Nem sempre se está bem acompanhado quando se está só. É apenas normal, é muito natural, estar muito mal acompanhado em plena solidão. Os “Eus” mais negativos e perigosos apresentam-se quando se está só.

Se queremos nos transformar radicalmente necessitamos sacrificar nossos próprios sofrimentos. Muitas vezes expressamos nossos sofrimentos em canções articuladas ou desarticuladas.

CAPÍTULO XXV

RETORNO E RECORRÊNCIA

Um homem é o que é sua vida, se um homem não modifica nada dentro de si mesmo, se não transforma radicalmente sua vida, se não trabalha sobre si mesmo, está perdendo seu tempo miseravelmente.

A morte é o regresso ao próprio começo de sua vida com a possibilidade de repeti-la novamente.

Muito foi dito na literatura Pseudoesotérica e Pseudo-Ocultista sobre o tema das vidas sucessivas, melhor é que nos ocupemos das existências sucessivas.

A vida de cada um de nós com todos os seus tempos é sempre a mesma, repetindo-se de existência em existência, através dos inumeráveis séculos.

Inquestionavelmente continuamos na semente de nossos descendentes; isto é algo que já está demonstrado. A vida de cada um de nós em particular, é um filme vivente que ao morrer nós levamos para a eternidade. Cada um de nós leva seu filme e volta a trazê-lo para projetá-lo outra vez na tela de uma nova existência. A repetição de dramas, comédias e tragédias é um axioma fundamental da Lei da Recorrência.

Em cada nova existência repetem-se sempre as mesmas circunstâncias. Os atores de tais cenas sempre repetidas são essas pessoas que vivem dentro de nosso interior, os “Eus”.

Se desintegramos esses atores, esses “Eus”, que originam as sempre repetidas cenas de nossa vida, então a repetição de tais circunstâncias se faria algo mais que impossível.

Obviamente sem atores não pode haver cenas; isto é algo irrefutável, irrefutável.

Assim é como podemos libertar-nos das Leis de Retorno e Recorrência; assim podemos tornar-nos livres de verdade.

Obviamente cada um dos personagens (Eus), que em nosso interior levamos, repete de existência em existência seu mesmo papel; se o desintegramos, se o ator morre, o papel conclui.

Refletindo seriamente sobre a Lei da Recorrência ou repetição de cenas em cada Retorno, descobrimos por auto-observação íntima as molas secretas desta questão.

Se na passada existência, com a idade de vinte e cinco (25) anos, tivemos uma aventura amorosa é Indubitável que o “Eu” de tal compromisso

buscará a dama de seus sonhos aos vinte e cinco (25) anos da nova existência.

Se a dama em questão então só tinha quinze (15) anos, o “Eu” de tal aventura buscará seu amado na nova existência justamente na mesma idade.

Resulta claro compreender que os dois “Eus”, tanto o dele como o dela, se busquem telepaticamente e se reencontrem novamente para repetir a mesma aventura amorosa da passada existência...

Dois inimigos que lutaram até a morte na existência passada, se buscarão outra vez na nova existência para repetir sua tragédia à idade correspondente.

Se duas pessoas tiveram um pleito por imóveis na idade de quarenta (40) anos na existência passada, na mesma idade se buscarão telepaticamente na nova existência para repetir o mesmo.

Dentro de cada um de nós vivem muitas pessoas cheias de compromissos; isso é irrefutável.

Um ladrão carrega em seu interior uma cova de ladrões com diversos compromissos delituosos. O assassino leva dentro de si mesmo um “clube” de assassinos e o luxurioso porta em sua psique um “Bordel”.

O grave de tudo isto é que o intelecto ignora a existência de tais pessoas ou “Eus” dentro de si mesmo e de tais compromissos que fatalmente vão cumprindo-se.

Todos estes compromissos dos Eus que dentro de nós moram se sucedem por baixo de nossa razão.

São fatos que ignoramos, coisas que nos sucedem, acontecimentos que se processam no subconsciente e inconsciente.

Com justa razão nos foi dito que tudo nos sucede, como quando chove ou como quando troveja. Realmente temos a ilusão de fazer, embora nada façamos, nos sucede, isso é fatal, mecânico...

Nossa personalidade é tão só o instrumento de distintas pessoas (Eus), mediante a qual cada uma dessas pessoas (Eus) cumpre seus compromissos.

Por baixo de nossa capacidade cognitiva sucedem-se muitas coisas, desgraçadamente ignoramos o que por debaixo de nossa razão sucede.

Creio-nos sábios quando na verdade nem sequer sabemos que não sabemos. Somos míseros troncos, arrastados pelas embravecidas ondas do mar da existência.

Sair desta desgraça, desta inconsciência, do estado tão lamentável em que nos encontramos, só é possível morrendo em si mesmos...

Como poderíamos despertar sem morrer previamente? Só com a morte advém o novo! Se o germe não morre a planta não nasce.

Quem desperta de verdade adquire por tal motivo plena objetividade de sua consciência, iluminação autêntica, felicidade...

CAPÍTULO XXVI

AUTOCONSCIÊNCIA INFANTIL

Foi-nos dito muito sabiamente que temos noventa e sete por cento de SUBCONSCIÊNCIA e TRÊS POR CENTO DE CONSCIÊNCIA.

Falando francamente e sem rodeios, diremos que noventa e sete por cento da Essência que em nosso interior levamos encontra-se engarrafada, embutida, metida dentro de cada um dos Eus que em seu conjunto constituem o “Mim Mesmo”.

Obviamente a Essência ou Consciência enfrascada em cada Eu processa-se em virtude de seu próprio condicionamento.

Qualquer Eu desintegrado libera determinada porcentagem de Consciência, a emancipação ou liberação da Essência ou consciência, seria impossível sem a desintegração de cada Eu.

Quanto maior quantidade de Eus desintegrados, maior Autoconsciência. Quanto menor quantidade de Eus desintegrados, menor porcentagem de Consciência desperta.

O despertar da Consciência só é possível dissolvendo o EU, morrendo em si mesmo, aqui e agora.

Inquestionavelmente enquanto a Essência ou consciência estiver embutida em cada um dos Eus que carregamos em nosso interior, encontra-se adormecida, em estado subconsciente.

É urgente transformar o subconsciente em consciente e isto só é possível aniquilando os Eus; morrendo em si mesmo.

Não é possível despertar sem ter morrido previamente em si mesmo. Aqueles que tentam despertar primeiro para logo morrer, não possuem experiência real do que afirmam, marcham resolutamente pelo caminho do erro.

As crianças recém-nascidas são maravilhosas, gozam de plena autoconsciência; encontram-se totalmente despertas.

Dentro do corpo da criança recém-nascida encontra-se reincorporada a Essência e isso dá à criatura sua beleza.

Não queremos dizer que os cem por cento da Essência ou Consciência esteja reincorporada no recém-nascido, mas sim os três por cento livres que normalmente não está enfrascado nos Eus.

Contudo, essa porcentagem da Essência livre reincorporada no organismo das crianças recém-nascidas lhes dá plena autoconsciência, lucidez, etc.

Os adultos veem ao recém-nascido com piedade, pensam que a criatura se encontra inconsciente, porém se equivocam lamentavelmente.

O recém-nascido vê o adulto tal como em realidade é; inconsciente, cruel, perverso, etc.

Os Eus do recém-nascido vão e vêm, dão voltas ao redor do berço, querem meter-se no novo corpo, porém, devido ao recém-nascido ainda não ter fabricado a personalidade, toda tentativa dos Eus para entrar no novo corpo resulta algo mais que impossível.

Às vezes as criaturas se espantam ao ver esses fantasmas ou Eus que se acercam de seu berço e então gritam, choram, porém os adultos não entendem isto e supõem que a criança está enferma ou que tem fome e sede; tal é a inconsciência dos adultos.

À medida que a nova personalidade vai se formando, os Eus, que vêm de existências anteriores, vão penetrando pouco a pouco no novo corpo.

Quando já a totalidade dos Eus tiver se reincorporado, aparecemos no mundo com essa horrível feiura interior que nos caracteriza; então, andamos como sonâmbulos por todas as partes; sempre inconscientes sempre perversos.

Quando morremos, três coisas vão ao sepulcro: 1) O corpo físico. 2) O fundo vital orgânico. 3) A personalidade.

O fundo vital, como fantasma, vai se desintegrando pouco a pouco, frente à fossa sepulcral na medida em que o corpo físico vai também se desintegrando.

A personalidade é subconsciente ou infraconsciente, entra e sai do sepulcro cada vez que quer, alegra-se quando os sofrendores lhe levam flores, ama seus familiares e vai se dissolvendo muito lentamente até converter-se em poeira cósmica.

Isso que continua muito além do sepulcro é o EGO, o EU pluralizado, o mim mesmo, um montão de diabos dentro dos quais encontra-se enfrascada a Essência, a Consciência, que a seu tempo e a sua hora retorna, reincorpora-se.

Resulta lamentável que ao fabricar-se a nova personalidade da criança, reincorporam-se também os Eus.

CAPÍTULO XXVII

O PUBLICANO E O FARISEU

Reflexionando um pouco sobre as diversas circunstâncias da vida, bem vale a pena compreender seriamente as bases sobre as quais descansamos.

Uma pessoa descansa sobre sua posição, outra sobre o dinheiro, aquela sobre o prestígio, essa outra sobre seu passado, esta outra sobre tal ou qual título, etc., etc., etc.

O mais curioso é que todos, seja rico ou mendicante, necessitamos de todos e vivemos de todos, ainda que estejamos inflados de orgulho e vaidade.

Pensemos por um momento no que possam nos tirar. Qual seria nossa sorte em uma revolução de sangue e aguardente? Em que ficariam as bases sobre as quais descansamos? Ai de nós! Cremo-nos muito fortes e somos espantosamente débeis!

O “Eu” que sente em si mesmo a base sobre a qual descansamos, deve ser dissolvido se é que em realidade anelamos a autêntica Bem-aventurança.

Tal “Eu” subestima as pessoas, sente-se melhor que todo mundo, mais perfeito em tudo, mais rico, mais inteligente, mais esperto na vida, etc.

Resulta muito oportuno citar agora aquela parábola de Jesus, o Grande KABIR, sobre os dois homens que oravam. Foi dita a uns que confiavam em si mesmos como justos e menosprezavam os outros.

Jesus o Cristo, disse: “Dois homens subiram ao Templo para orar; um era Fariseu e o outro Publicano. O Fariseu, posto em pé, orava consigo mesmo desta maneira: *‘Deus, te dou graças, porque não sou como os demais homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem ainda como este Publicano; Jejuo duas vezes por semana, dou dízimo de tudo o que ganho’*.”

Mas o Publicano, estando longe, não queria nem levantar os olhos ao céu, senão que golpeava o peito dizendo: *‘Deus, tem misericórdia de mim, pecador’*. Digo-vos que este desceu a sua casa justificado antes que o outro; porque qualquer um que se enalteça será humilhado; e o que se humilha será enaltecido” (LUCAS: XVIII, 10-14).

Começar a dar-se conta da própria nulidade e miséria em que nos encontramos, é absolutamente impossível enquanto exista em nós esse conceito do “Mais”. Exemplos: Eu sou mais justo que aquele, mais sábio que fulano, mais virtuoso que sicrano, mais rico, mais esperto nas coisas da vida, mais casto, mais cumpridor de meus deveres, etc., etc., etc.

Não é possível passar através do buraco de uma agulha enquanto sejamos “ricos”, enquanto em nós existir esse complexo do “Mais”.

“É mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus”.

Isso de que tua escola é a melhor e que a de meu próximo não serve; isso de que tua Religião é a única verdadeira e que todas as demais são falsas e perversas; isso de que a mulher de fulano é uma péssima esposa e de que a minha é uma santa; isso de que meu amigo Roberto é um bêbado e que eu sou um homem muito criterioso e abstinente, etc., etc., etc., é o que nos faz sentir-nos ricos; motivo pelo qual somos todos os “CAMELOS” da parábola bíblica com relação ao trabalho esotérico.

É urgente nos auto-observar de momento em momento com o propósito de conhecer claramente os fundamentos sobre os quais descansamos.

Quando alguém descobre aquilo que mais lhe ofende em um dado instante, a moléstia que lhe deram por tal ou qual coisa, então descobre as bases sobre as quais descansa psicologicamente.

Tais bases constituem, segundo o Evangelho Cristão, *“as areias sobre as quais edificou sua casa”*.

É necessário anotar cuidadosamente como e quando desprezou os outros, sentindo-se superior, talvez devido ao título ou à posição social ou à experiência adquirida ou ao dinheiro, etc., etc., etc.

Grave é alguém sentir-se rico, superior a fulano ou a sicrano por tal ou qual motivo. Gente assim não pode entrar no Reino dos Céus.

Bom é descobrir em que alguém se sente bajulado, em que é satisfeita sua vaidade, isto virá a nos mostrar os fundamentos sobre os quais nos apoiamos.

Contudo, tal classe de observação não deve ser questão meramente teórica, devemos ser práticos e observar-nos cuidadosamente de forma direta, de instante em instante.

Quando alguém começa a compreender sua própria miséria e nulidade; quando abandona os delírios de grandeza; quando descobre a nescidade de tantos títulos, honras e vãs superioridades sobre nossos semelhantes é sinal inequívoco de que já começa a mudar.

Alguém não pode mudar se prende-se a isso que diz: “Minha casa”, “Meu dinheiro”, “Minhas propriedades”, “Meu emprego”, “Minhas virtudes”, “Minhas capacidades intelectuais”, “Minhas capacidades artísticas”, “Meus conhecimentos”, “Meu prestígio”, etc., etc., etc.

Isso de aferrar-se ao “Meu”, a “Mim”, é mais que suficiente para impedir de reconhecer nossa própria nulidade e miséria interior.

Alguém se assombra ante o espetáculo de um incêndio ou de um naufrágio; então as pessoas desesperadas apoderam-se muitas vezes de coisas que dão risos; coisas sem importância.

Pobres pessoas! Se sentem nessas coisas, descansam em besteiras, apegam-se a isso que não tem a menor importância.

Sentir-se a si mesmos por meio das coisas exteriores, fundamentar-se nelas, equivale a estar em estado de absoluta inconsciência.

O sentimento da “SEIDADE” (O SER REAL) só é possível dissolvendo todos esses “EUS” que em nosso Interior levamos; antes, tal sentimento resulta algo mais que impossível.

Desgraçadamente os adoradores do “EU” não aceitam isto; eles creem-se Deuses; pensam que já possuem esses “Corpos Gloriosos” de que falara Paulo de Tarso; supõem que o “EU” é Divino e não há quem lhes tire tais absurdos da cabeça.

A pessoa não sabe o que fazer com tais pessoas, lhes explica e não entendem; sempre aferrados às areias sobre as quais edificaram sua casa; sempre metidos em seus dogmas, em seus caprichos, em suas nescidades.

Se essas pessoas se auto-observassem seriamente, verificariam por si mesmos a doutrina dos muitos; descobririam dentro de si mesmos a toda essa multiplicidade de pessoas ou “Eus” que vivem dentro de nosso interior.

Como poderia existir em nós o real sentimento de nosso verdadeiro SER quando esses “Eus” estão sentindo por nós, pensando por nós?

O mais grave de toda esta tragédia é que alguém pensa que está pensando, sente que está sentindo, quando na realidade é outro o que em um dado momento pensa com nosso martirizado cérebro e sente com nosso dolorido coração.

Infelizes de nós! Quantas vezes cremos estar amando e o que sucede é que outro dentro de nós mesmos cheio de luxúria utiliza o centro do coração.

Somos uns desventurados, confundimos a paixão animal com o amor! E, contudo, é outro dentro de nós mesmos, dentro de nossa personalidade, quem passa por tais confusões.

Todos pensamos que jamais pronunciariamos aquelas palavras do Fariseu na parábola bíblica: *“Deus, te dou graças, porque não sou como os outros homens”*, etc., etc., etc.

Contudo, e ainda que pareça incrível, assim procedemos diariamente. O vendedor de carne no mercado diz: *“Eu não sou como os outros açougueiros que vendem carne de má qualidade e exploram as pessoas”*.

O vendedor de tecidos na loja exclama: *“Eu não sou como outros comerciantes que sabem roubar ao medir e que enriqueceram”*.

O vendedor de leite afirma: *“Eu não sou como outros vendedores de leite que põem água ao mesmo. Eu gosto de ser honrado”*.

A dona de casa comenta em visita o seguinte: *“Eu não sou como fulana que anda com outros homens, sou graças a Deus pessoa decente e fiel a meu marido”*.

Conclusão: Os demais são malvados, injustos, adúlteros, ladrões e perversos e cada um de nós uma mansa ovelha, um “Santinho de Chocolate”, bom o suficiente para tê-lo como um menino de ouro em alguma igreja.

Quão néscios somos! Pensamos frequentemente que nunca fazemos todas essas besteiras e perversidades que vemos serem feitas a outros e chegamos por tal motivo à conclusão de que somos magníficas pessoas, desgraçadamente não vemos as besteiras e mesquinhez que fazemos.

Existem estranhos momentos na vida em que a mente, sem preocupações de nenhuma classe, repousa. Quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio advém então o novo.

Em tais instantes é possível ver as bases, os fundamentos, sobre os quais descansamos.

Estando a mente em profundo repouso interior, podemos verificar por nós mesmos a crua realidade dessa areia da vida, sobre a qual edificamos a casa. (Veja Mateus 7 - Versículos 24-25-26-27-28-29; parábola que trata dos dois alicerces).

CAPÍTULO XXVIII

A VONTADE

A “Grande Obra” é, antes de tudo, a criação do homem por si mesmo à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

A “Grande Obra” é a conquista interior de si mesmos, de nossa verdadeira liberdade em Deus.

Necessitamos com urgência máxima, inadiável, desintegrar todos esses “Eus” que vivem em nosso interior se é que em verdade queremos a emancipação perfeita da Vontade.

Nicolas Flamel e Raimundo Lúlio, pobres ambos, liberaram sua vontade e realizaram inumeráveis prodígios psicológicos que assombram.

Agripa não chegou nunca mais que à primeira parte da “Grande Obra” e morreu penosamente, lutando na desintegração de seus “Eus”, com o propósito de possuir a si mesmo e fixar sua independência.

A emancipação perfeita da vontade assegura ao sábio o império absoluto sobre o Fogo, o Ar, a Água e a Terra.

A muitos estudantes de Psicologia contemporânea lhes parecerá exagerado o que linhas acima afirmamos em relação ao poder soberano da vontade emancipada; Contudo a Bíblia nos fala maravilhas sobre Moisés.

Segundo Fílon, Moisés era um Iniciado na terra dos Faraós às margens do Nilo, Sacerdote de Osíris, primo do Faraó, educado entre as colunas de ÍSIS, a Mãe Divina, e de OSÍRIS, nosso Pai que está em segredo.

Moisés era descendente do Patriarca Abraão, o grande Mago Caldeu, e do muito respeitável Isaac.

Moisés, o homem que liberou o poder elétrico da vontade, possuía o dom dos prodígios; isto o sabem os Divinos e os humanos. Assim está escrito.

Tudo o que as Sagradas Escrituras dizem sobre esse caudilho hebreu, é certamente extraordinário, portentoso.

Moisés transforma seu bastão em serpente, transforma uma de suas mãos em mão de leproso, logo lhe devolve a vida.

A prova, aquela da sarça ardente, colocou às claras seu poder; as pessoas compreendem, ajoelham-se e prosternam-se.

Moisés utiliza uma Vara Mágica, emblema do poder real, do poder sacerdotal do Iniciado nos Grandes Mistérios da Vida e da Morte.

Ante o Faraó, Moisés muda para sangue a água do Nilo, os peixes morrem, o rio sagrado fica infectado, os egípcios não podem beber dele e as irrigações do Nilo derramam sangue pelos campos.

Moisés faz mais; logra que apareçam milhares de rãs desproporcionais, gigantescas, monstruosas, que saem do rio e invadem as casas. Logo, sob seu gesto, indicador de uma vontade livre e soberana, aquelas rãs horríveis desaparecem.

Mas, como o Faraó não deixa livre aos israelitas, Moisés cria novos prodígios: cobre a terra de sujeira, suscita nuvens de moscas asquerosas e imundas, que depois se dá ao luxo de afastar.

Desencadeia a espantosa peste e todos os rebanhos, exceto os dos judeus, morrem.

Colhendo fuligem do forno –dizem as Sagradas Escrituras– atira ao ar e, caindo sobre os Egípcios, lhes causa pústulas e úlceras.

Estendendo seu famoso bastão Mágico, Moisés faz chover um granizo do céu que de forma inclemente destrói e mata. A seguir faz estalar o raio flamígero, retumba o trovão aterrador e chove espantosamente, logo, com um gesto, devolve à calma.

Contudo o Faraó continua inflexível. Moisés, com um golpe tremendo de sua vara mágica, faz surgir como que por encanto nuvens de gafanhotos, logo vêm trevas. Outro golpe com a vara e tudo retorna à ordem original.

Muito conhecido é o final de todo aquele Drama Bíblico do Antigo Testamento: Intervém Jeová, faz morrer a todos os primogênitos dos egípcios e ao Faraó não lhe resta mais remédio que deixar marchar os hebreus.

Posteriormente Moisés se serve de sua vara mágica para dividir as águas do Mar Vermelho e atravessá-las a pé seco.

Quando os guerreiros egípcios precipitam-se por ali perseguindo os israelitas, Moisés, com um gesto, faz com que as águas voltem a se fechar, tragando os perseguidores.

Inquestionavelmente muitos Pseudo-ocultistas, ao ler tudo isto, quiseram fazer o mesmo, ter os mesmos poderes de Moisés, contudo isto resulta algo mais que impossível enquanto a Vontade continuar engarrafada entre todos e cada um desses “Eus” que nos distintos transfundos de nossa psique carregamos.

A Essência embutida no “Mim Mesmo” é o Gênio da lâmpada de Aladim, anelando por liberdade... livre tal Gênio, pode realizar prodígios.

A Essência é “Vontade-Consciência” desgraçadamente processando-se em virtude de nosso próprio condicionamento.

Quando a Vontade se libera, então se mescla ou se funde integrando-se assim com a Vontade Universal, fazendo-se por isto soberana.

A Vontade individual fundida com a Vontade Universal pode realizar todos os prodígios de Moisés.

Existem três classes de atos: A) Aqueles que correspondem à Lei dos acidentes. B) Esses que pertencem à Lei da Recorrência, fatos sempre repetidos em cada existência. C) Ações determinadas intencionalmente pela Vontade-Consciente.

Inquestionavelmente só pessoas que tenham liberado sua Vontade mediante a morte do “Mim Mesmo” poderão realizar atos novos nascidos de seu livre arbítrio.

Os atos comuns e correntes da humanidade são sempre o resultado da Lei da Recorrência ou o mero produto de acidentes mecânicos.

Quem possui Vontade livre de verdade pode originar novas circunstâncias; quem tem sua Vontade engarrafada no “Eu Pluralizado” é vítima das circunstâncias.

Em todas as páginas bíblicas existe uma exibição maravilhosa de Alta Magia, Vidência, Profecia, Prodígios, Transfigurações, Ressurreição de mortos, já por insuflação ou por imposição de mãos ou pelo olhar fixo na raiz do nariz, etc., etc., etc.

Abunda na Bíblia a massagem, o azeite sagrado, os passes magnéticos, a aplicação de um pouco de saliva sobre a parte enferma, a leitura do pensamento alheio, os transportes, as aparições, as palavras vindas do céu, etc., etc., etc., verdadeiras maravilhas da Vontade Consciente liberada, emancipada, soberana.

Bruxos? Feiticeiros? Magos Negros? Abundam como a erva daninha; mas esses não são Santos, nem Profetas, nem Adeptos da Branca Irmandade.

Ninguém poderia chegar à “Iluminação Real”, nem exercer o Sacerdócio Absoluto da Vontade-Consciente, se previamente não tivesse morrido radicalmente em si mesmo, aqui e agora.

Muitas pessoas nos escrevem frequentemente queixando-se de não possuir Iluminação, pedindo poderes, exigindo-nos chaves que lhes convertam em Magos, etc., etc., etc., porém nunca se interessam por auto-observar-se, por autoconhecer-se, por desintegrar esses agregados

psíquicos, esses “Eus” dentro dos quais encontra-se enfrascada a Vontade, a Essência.

Pessoas assim, obviamente, estão condenadas ao fracasso. São pessoas que cobiçam as faculdades dos Santos, porém que de nenhuma maneira estão dispostas a morrer em si mesmas.

Eliminar erros é algo mágico, maravilhoso por si, que implica rigorosa auto-observação psicológica. Exercer poderes é possível quando se libera radicalmente o poder maravilhoso da Vontade.

Desgraçadamente como as pessoas têm a vontade enfrascada entre cada “Eu”, obviamente aquela encontra-se dividida em múltiplas vontades que processam-se cada uma em virtude de seu próprio condicionamento.

Resulta claro compreender que cada “Eu” possui por tal causa sua vontade inconsciente, particular.

As inumeráveis vontades enfrascadas nos “Eus” chocam-se entre si frequentemente, fazendo-nos, por tal motivo, impotentes, débeis, miseráveis, vítimas das circunstâncias, incapazes.

CAPÍTULO XXIX

A DECAPITAÇÃO

À medida que alguém trabalha sobre si mesmo vai compreendendo cada vez mais e mais a necessidade de eliminar radicalmente de sua natureza interior tudo isso que nos torna tão abomináveis.

As piores circunstâncias da vida, as situações mais críticas, os fatos mais difíceis são sempre maravilhosos para o autodescobrimento íntimo.

Nesses momentos insuspeitos, críticos, afloram, sempre e quando menos o pensamos, os Eus mais secretos; se estamos alertas inquestionavelmente nos descobrimos.

As épocas mais tranquilas da vida são precisamente as menos favoráveis para o trabalho sobre si mesmo.

Existem momentos da vida demasiado complicados em que alguém tem marcada tendência a identificar-se facilmente com os acontecimentos e a esquecer-se completamente de si mesmo; nesses instantes alguém faz besteiras que a nada conduzem; se estivesse alerta, se nesses mesmos momentos, em vez de perder a cabeça, se recordasse de si mesmo, descobriria com assombro, certos Eus, dos quais jamais teve nem a mais mínima suspeita de sua possível existência.

O sentido da auto-observação íntima encontra-se atrofiado em todo ser humano; trabalhando seriamente, nos auto-observando de momento em momento; tal sentido se desenvolverá de forma progressiva.

À medida que o sentido de auto-observação prossiga seu desenvolvimento mediante o uso contínuo, iremos tornando-nos cada vez mais capazes de perceber de forma direta aqueles Eus sobre os quais jamais tivemos dado algum relacionado com sua existência.

Ante o sentido de auto-observação íntima, cada um dos Eus que em nosso interior habitam assume realmente esta ou aquela figura secretamente relacionada com o defeito personificado pela mesma. Inquestionavelmente a imagem de cada um destes Eus tem certo sabor psicológico inconfundível mediante o qual apreendemos, capturamos, prendemos instintivamente sua natureza íntima, e o defeito que lhe caracteriza.

A princípio o esoterista não sabe por onde começar, sente a necessidade de trabalhar sobre si mesmo, porém encontra-se completamente desorientado.

Aproveitando os momentos críticos, as situações mais desagradáveis, os instantes mais adversos, se estivermos alertas descobriremos nossos defeitos sobressalentes, os Eus que devemos desintegrar urgentemente.

Às vezes pode começar-se pela ira ou pelo amor-próprio, ou pelo infeliz segundo de luxúria, etc., etc., etc.

É necessário tomar nota, sobretudo em nossos estados psicológicos diários, se é que de verdade queremos uma mudança definitiva.

Antes de nos deitar convêm que examinemos os fatos ocorridos no dia, as situações embaraçosas, a gargalhada estrondosa de Aristófanes e o sorriso sutil de Sócrates.

Pode ser que tenhamos ferido a alguém com uma gargalhada, pode ser que tenhamos adoecido alguém com um sorriso ou com um olhar fora de lugar.

Recordemos que no esoterismo puro, bom é tudo o que está em seu lugar, mau é tudo o que está fora de lugar.

A água em seu lugar é boa, mas se, esta, inundasse a casa, estaria fora de lugar, causaria danos, seria má e prejudicial.

O fogo, na cozinha e dentro de seu lugar, além de ser útil é bom; fora de seu lugar, queimando os móveis da sala, seria mau e prejudicial.

Qualquer virtude, por mais santa que seja em seu lugar é boa, fora de lugar é má e prejudicial. Com as virtudes podemos causar danos a outros. É indispensável colocar as virtudes em seu lugar correspondente.

O que dirias de um sacerdote que estivesse predicando a palavra do Senhor dentro de um prostíbulo? Que dirias de um varão manso e tolerante que estivesse bendizendo uma quadrilha de assaltantes que tentassem

violar a mulher e as filhas? Que dirias desse tipo de tolerância levada ao excesso? Que pensarias sobre a atitude caridosa de um homem que em vez de levar comida para casa, repartisse o dinheiro entre os mendicantes do vício? Que opinarias sobre o homem serviçal que em um dado instante emprestasse um punhal a um assassino?

Recordai, querido leitor, que nas cadências do verso também esconde-se o delito. Há muita virtude nos malvados e há muita maldade nos virtuosos.

Embora pareça incrível, dentro do mesmo perfume da prece também esconde-se o delito.

O delito disfarça-se de santo, uma das melhores virtudes, apresenta-se como mártir e até oficia nos templos sagrados.

À medida que o sentido da auto-observação íntima se desenvolve em nós mediante o uso contínuo, veremos todos esses Eus que servem de fundamento básico para o nosso temperamento individual, já seja este último sanguíneo ou nervoso, fleumático ou bilioso.

Ainda que você não o creia, querido leitor, atrás do temperamento que possuímos, esconde-se entre as mais remotas profundidades de nossa psique as criações diabólicas mais execráveis.

Ver tais criações, observar essas monstruosidades do inferno dentro das quais encontra-se engarrafada nossa mesmíssima consciência, torna-se possível com o desenvolvimento sempre progressivo do sentido de auto-observação íntima.

Enquanto um homem não tenha dissolvido estas criações do inferno, estas aberrações de si mesmo, incontestavelmente, no mais profundo continuará sendo algo que não deveria existir, uma deformidade, uma abominação.

O mais grave de tudo isto é que, o abominável não se dá conta de sua própria abominação, acredita-se belo, justo, boa pessoa, e até se queixa da incompreensão dos demais, lamenta a ingratidão de seus semelhantes, diz que não lhe entendem, chora afirmando que lhe devem que lhe pagaram com moeda negra, etc., etc., etc.

O sentido da auto-observação íntima nos permite verificar por nós mesmos, e de forma direta, o trabalho secreto mediante o qual, em tempo dado, estamos dissolvendo tal ou qual Eu (tal ou qual defeito psicológico), possivelmente descoberto em condições difíceis e quando menos o suspeitávamos.

Tu já pensaste alguma vez na vida sobre o que mais o agrada ou desagrada? Tu tens refletido sobre as fontes secretas da ação? Por que quereis ter uma bela casa? Por que desejais ter um carro último modelo? Por que quereis estar sempre na última moda? Por que cobiças não ser cobiçoso? O que é que mais te ofendeu em um dado momento? O que é que mais o agradou ontem? Por que sentiste superior a fulano ou a fulana de tal, em determinado instante? A que horas te sentiste superior a alguém? Por que te envaideceste ao relatar teus triunfos? Não pudeste calar quando murmuravam sobre outra pessoa conhecida? Recebeste a taça de licor por cortesia? Aceitaste fumar talvez não tendo o vício, possivelmente pelo conceito de educação ou de masculinidade? Tu estás seguro de ter sido sincero naquela conversação? E quando justificas a ti mesmo, e quando te elogas, e quando contas teus triunfos e os relata repetindo o que antes disseste aos demais, compreendeste que eras vaidoso?

O sentido da auto-observação íntima, além de permitir ver claramente ao Eu que estas dissolvendo, te permitirá também ver os resultados patéticos e definidos de teu trabalho interior.

A princípio estas criações do inferno, estas aberrações psíquicas que desgraçadamente te caracterizam, são mais feias e monstruosas que as bestas mais horrendas que existem no fundo dos mares ou nas selvas mais profundas da terra; conforme avanceis em vosso trabalho podeis evidenciar, mediante o sentido de auto-observação interior, o fato sobressalente de que aquelas abominações vão perdendo volume, vão diminuindo...

Resulta interessante saber que tais bestialidades, conforme decrescem em tamanho, conforme perdem volume e diminuem, ganham em beleza, assumem lentamente a figura infantil; por último se desintegram, convertem-se em poeira cósmica, então a Essência enfrascada libera-se, emancipa-se, desperta.

Indubitavelmente a mente não pode alterar fundamentalmente nenhum defeito psicológico; obviamente o entendimento pode dar-se ao luxo de rotular um defeito com tal ou qual nome, de justificá-lo, de passá-lo de um nível a outro, etc., mas não poderia por si mesmo aniquilá-lo, desintegrá-lo.

Precisamos urgentemente de um poder flamígero superior à mente, de um poder que seja capaz por si mesmo de reduzir tal ou qual defeito psicológico à mera poeira cósmica.

Afortunadamente existe em nós esse poder serpentino, esse fogo maravilhoso que os velhos alquimistas medievais batizaram com o nome misterioso de Stella Maris, a Virgem do Mar, o Azoto da Ciência de Hermes, a Tonantzin do México Asteca, essa derivação de nosso próprio Ser íntimo, Deus Mãe em nosso interior simbolizado sempre com a serpente sagrada dos Grandes Mistérios.

Se depois de ter observado e compreendido profundamente tal ou qual defeito psicológico (tal ou qual Eu), suplicamos a nossa Mãe Cósmica particular, pois cada um de nós tem a sua própria, que desintegre, reduza a poeira cósmica, este ou aquele defeito, aquele Eu, motivo de nosso trabalho interior, podeis estar certo de que o mesmo perderá volume e lentamente irá pulverizando-se.

Tudo isto implica naturalmente sucessivos trabalhos de fundo, sempre contínuos, pois nenhum Eu, pode ser desintegrado jamais instantaneamente. Com o sentido de auto-observação íntima poderá ver o

avanço progressivo do trabalho relacionado com a abominação que nos interesse verdadeiramente desintegrar.

Stella Maris, ainda que pareça incrível, é a assinatura astral da potência sexual humana.

Obviamente Stella Maris tem o poder efetivo para desintegrar as aberrações que em nosso interior psicológico carregamos.

A decapitação de João Batista é algo que nos convida à reflexão, não seria possível nenhuma mudança psicológica radical se antes não passássemos pela decapitação.

Nosso próprio ser derivado, Tonantzin, Stella Maris como potência elétrica desconhecida para a humanidade inteira e que encontra-se latente no fundo mesmo de nossa psique, ostensivelmente goza do poder que lhe permite decapitar qualquer Eu antes da desintegração final.

Stella Maris é esse fogo filosófico que encontra-se latente em toda matéria orgânica e inorgânica.

Os impulsos psicológicos podem provocar a ação intensiva de tal fogo e então a decapitação torna-se possível.

Alguns Eus costumam ser decapitados no começo do trabalho psicológico, outros no meio e os últimos no final. Stella Maris como potência ígnea sexual tem consciência plena do trabalho a realizar e realiza a decapitação no momento oportuno, no instante adequado.

Enquanto não tenhas produzido a desintegração de todas estas abominações psicológicas, de todas estas lascivas, de todas estas maldições, roubo, inveja, adultério secreto ou manifesto, ambição de dinheiro ou de poderes psíquicos, etc., embora nos acreditemos pessoas honradas, cumpridoras da palavra, sinceras, corteses, caridosas, belas no interior, etc., obviamente não passaremos de ser mais que sepulcros branqueados, belos por fora, mas por dentro cheios de asquerosa podridão.

A erudição livresca, a pseudossapiência, a informação completa sobre as sagradas escrituras, já sejam estas do oriente ou do ocidente, do norte ou do sul, o pseudo-ocultismo, o pseudoesoterismo, a absoluta segurança de estar bem documentado, o sectarismo intransigente com pleno conhecimento, etc., de nada serve porque na verdade somente existe no fundo isso que ignoramos, criações do inferno, maldições, monstruosidades que se escondem atrás do rosto bonito, atrás do rosto venerável, sob a roupagem santíssima do líder sagrado, etc.

Temos que ser sinceros conosco mesmos, perguntamos o que é que queremos, se viemos ao Ensino Gnóstico por mera curiosidade, se de verdade não é passar pela decapitação o que estamos desejando, então estamos enganando a nós mesmos, estamos defendendo nossa própria podridão, estamos procedendo hipocritamente.

Nas escolas mais veneráveis da sapiência esotérica e do ocultismo existem muitos equivocados sinceros que de verdade querem autorrealizar-se, mas que não estão dedicados à desintegração de suas abominações interiores.

São muitas as pessoas que supõem que mediante as boas intenções é possível chegar à santificação. Obviamente enquanto não se trabalha com intensidade sobre esses Eus que em nosso interior carregamos, eles continuarão existindo sob o fundo do olhar piedoso e da boa conduta.

É chegada a hora de saber que somos uns malvados disfarçados com a túnica da santidade; ovelhas com pele de lobo; canibais vestidos com traje de cavaleiro; carrascos escondidos atrás do sinal sagrado da cruz, etc.

Por mais majestosos que apareçamos dentro de nossos templos, ou dentro de nossas aulas de luz e de harmonia, por mais serenos e doces que nossos semelhantes nos vejam, por mais reverendos e humildes que pareçamos, no fundo de nossa psique continuam existindo todas as abominações do inferno e todas as monstruosidades das guerras.

Em Psicologia Revolucionária torna-se evidente a necessidade de uma transformação radical, e esta somente é possível declarando a nós mesmos uma guerra até à morte, impiedosa e cruel.

Certamente nós todos não valem nada, somos cada um de nós a desgraça da terra, o execrável.

Afortunadamente João Batista nos ensinou o caminho secreto: MORRER EM NÓS MESMOS MEDIANTE A DECAPITAÇÃO PSICOLÓGICA.

CAPÍTULO XXX

O CENTRO DE GRAVIDADE PERMANENTE

Não existindo uma verdadeira individualidade, é impossível que haja continuidade de propósitos.

Se não existe o indivíduo psicológico, se em cada um de nós vivem muitas pessoas, se não há sujeito responsável, seria absurdo exigir-lhe a alguém continuidade de propósitos.

Bem sabemos que dentro de uma pessoa vivem muitas pessoas, então o sentido pleno da responsabilidade não existe realmente em nós.

O que um Eu determinado afirma em um dado instante não pode revestir nenhuma seriedade devido ao fato concreto de que qualquer outro Eu pode afirmar exatamente o contrário em qualquer outro momento.

O mais grave de tudo isto é que muitas pessoas acreditam possuir o sentido de responsabilidade moral e se autoenganam afirmando serem sempre as mesmas.

Há pessoas que em qualquer instante de sua existência vêm para os estudos Gnósticos, resplandecem com a força do anseio, se entusiasma com o trabalho esotérico e até juram consagrar a totalidade de sua existência a estas questões.

Inquestionavelmente todos os irmãos de nosso movimento chegam até a admirar a um entusiasta assim.

Alguém não pode menos que sentir grande alegria ao escutar pessoas deste tipo, tão devotas e definitivamente sinceras.

Contudo o idílio não dura muito tempo, qualquer dia devido a tal ou qual motivo, justo ou injusto, simples ou complicado, a pessoa se retira da Gnosis, então abandona o trabalho e para endireitar o erro, ou tratando de justificar a si mesma, se afilia a qualquer outra organização mística e pensa que agora vai melhor.

Todo este ir e vir, todo este mudar incessante de escolas, seitas, religiões, deve-se à multiplicidade de Eus que em nosso interior lutam entre si por sua própria supremacia.

Como quer que cada Eu possui seu próprio critério, sua própria mente, suas próprias ideias, é apenas normal esta mudança de pareceres, este mariposear constante de organização, de ideal em ideal, etc.

O sujeito, em si, não é mais que uma máquina que tão pronto serve de veículo a um Eu, como a outro.

Alguns Eus místicos se autoenganam, depois de abandonar tal ou qual seita resolvem acreditar-se Deus, brilham como luzes fátuas e por último desaparecem.

Há pessoas que por um momento chegam ao trabalho esotérico e logo, no instante em que outro Eu intervém, abandonam definitivamente estes estudos e se deixam tragar pela vida.

Obviamente se alguém não luta contra a vida, esta o devora e são raros os aspirantes que de verdade não se deixam tragar pela vida.

Existindo dentro de nós toda uma multiplicidade de Eus, o centro de gravidade permanente não pode existir.

É apenas normal que nem todos os sujeitos se autorrealizem intimamente. Bem sabemos que a autorrealização íntima do ser exige continuidade de propósitos, e considerando que é muito difícil encontrar alguém que tenha um centro de gravidade permanente, então não é estranho que seja muito rara a pessoa que chegue à autorrealização interior profunda.

O normal é que alguém se entusiasme pelo trabalho esotérico e que logo o abandone; o estranho é que alguém não abandone o trabalho e chegue à meta.

Certamente, e em nome da verdade, afirmamos que o Sol está fazendo um experimento de laboratório muito complicado e terrivelmente difícil.

Dentro do animal intelectual, equivocadamente chamado homem, existem germes que convenientemente desenvolvidos podem converter-se em homens solares.

Contudo, não está demais esclarecer que não é certeza que esses germes se desenvolvam, o normal é que se degenerem e se percam lamentavelmente.

Em todo caso os citados germes que hão de nos converter em homens solares necessitam de um ambiente adequado, pois bem sabido é que a semente em um meio estéril não germina, se perde.

Para que a semente real do homem, depositada em nossas glândulas sexuais, possa germinar é necessário continuidade de propósitos e corpo físico normal.

Se os cientistas continuam fazendo ensaios com as glândulas de secreção interna, qualquer possibilidade de desenvolvimento dos mencionados germes poderá perder-se.

Embora pareça incrível, as formigas já passaram por um processo similar, em um remoto passado arcaico de nosso planeta Terra.

Qualquer um se enche de assombro ao contemplar a perfeição de um palácio de formigas. Não há dúvida de que a ordem estabelecida em qualquer formigueiro é formidável.

Aqueles Iniciados que despertaram consciência sabem, por experiência mística direta, que as formigas, em tempos que nem remotamente suspeitam os maiores historiadores do mundo, foram uma raça humana que criou uma poderosíssima civilização socialista.

Então eliminaram, os ditadores daquela família, as diversas seitas religiosas e o livre arbítrio, pois tudo isso lhes tirava poder e eles precisavam ser totalitários no sentido mais completo da palavra.

Nestas condições, eliminada a iniciativa individual e o direito religioso, o animal intelectual se precipitou pelo caminho da involução e degeneração.

A tudo antes dito acrescentaram-se as experiências científicas; transplantes de órgãos, glândulas, ensaios com hormônios, etc., etc., etc., cujo resultado foi o encolhimento gradual e a alteração morfológica daqueles organismos humanos até converter-se por último nas formigas que conhecemos.

Toda aquela civilização, todos esses movimentos relacionados com a ordem social estabelecida tornaram-se mecânicos e foram herdados de pais para filhos; hoje alguém se enche de assombro ao ver um formigueiro, mas não podemos menos que lamentar sua falta de inteligência.

Se não trabalhamos sobre nós mesmos, involuímos e degeneramos espantosamente.

A experiência que o Sol está fazendo no laboratório da natureza certamente, além de ser difícil, deu muito poucos resultados.

Criar homens solares somente é possível quando existe cooperação verdadeira em cada um de nós.

Não é possível a criação do homem solar se não estabelecemos antes um centro de gravidade permanente em nosso interior.

Como poderíamos ter continuidade de propósitos se não estabelecemos em nossa psique o centro de gravidade?

Qualquer raça criada pelo sol certamente não tem outro objetivo na natureza, que o de servir aos interesses desta criação e ao experimento solar.

Se o Sol fracassa em seu experimento, perde todo interesse por uma raça assim e esta, de fato, fica condenada à destruição e à involução.

Cada uma das raças que existiu sobre a face da Terra serviu para o experimento solar. De cada raça o Sol conseguiu alguns triunfos, colhendo pequenos grupos de homens solares.

Quando uma raça tiver dado seus frutos, desaparece de forma progressiva ou perece violentamente mediante grandes catástrofes.

A criação de homens solares é possível quando alguém luta para tornar-se independente das forças lunares. Não há dúvida de que todos estes Eus que levamos em nossa psique são do tipo exclusivamente lunar.

De modo algum seria possível nos liberar da força lunar se não estabelecêssemos previamente em nós um centro de gravidade permanente.

Como poderíamos dissolver a totalidade do Eu pluralizado se não temos continuidade de propósitos? De que maneira poderíamos ter continuidade de propósitos sem ter estabelecido previamente em nossa psique um centro de gravidade permanente?

Como a raça atual em vez de tornar-se independente da influência lunar, perdeu todo o interesse pela inteligência solar, inquestionavelmente condenou a si mesma para a Involução e degeneração.

Não é possível que o homem verdadeiro surja sempre mediante a mecânica evolutiva. Bem sabemos que a evolução e sua irmã gêmea, a involução, são tão somente duas leis que constituem o eixo mecânico de toda natureza. Evolui-se até certo ponto perfeitamente definido e logo vem o processo involutivo; a toda subida lhe sucede uma queda e vice-versa.

Nós somos exclusivamente máquinas controladas por distintos Eus. Servimos à economia da natureza, não temos uma individualidade definida como supõem equivocadamente muitos pseudoesoteristas e pseudo-ocultistas.

Precisamos mudar com máxima urgência a fim de que os germes do homem deem seus frutos.

Somente trabalhando sobre si mesmo com verdadeira continuidade de propósitos e sentido completo de responsabilidade moral podemos nos converter em homens solares. Isto implica consagrar a totalidade de nossa existência ao trabalho esotérico sobre si mesmo.

Aqueles que têm esperança em chegar ao estado solar mediante a mecânica da evolução, se enganam a si mesmos e condenam-se de fato à degeneração involutiva.

No trabalho esotérico não podemos nos dar ao luxo da versatilidade; esses que têm ideias volúveis, esses que hoje trabalham sobre sua psique e amanhã deixam-se tragar pela vida, esses que buscam evasivas, justificativas para abandonar o trabalho esotérico, degenerarão e involuirão.

Alguns adiam o erro, deixam tudo para um amanhã enquanto melhoram sua situação econômica, sem ter em conta que o experimento solar é algo muito distinto a seu critério pessoal e a seus conhecidos projetos.

Não é tão fácil converter-se em homem solar quando carregamos a Lua em nosso interior (O Ego é lunar).

A Terra tem duas luas; a segunda destas é chamada Lilith e encontra-se um pouco mais distante que a lua branca.

Os astrônomos costumam ver a Lilith como uma lentilha, pois é de muito pouco tamanho. Essa é a Lua negra.

As forças mais sinistras do Ego chegam à Terra desde Lilith e produzem resultados psicológicos infra-humanos e bestiais.

Os crimes da imprensa Vermelha, os assassinatos mais monstruosos da história, os delitos mais insuspeitos, etc., etc., etc., se devem às ondas vibratórias de Lilith.

A dupla influência lunar representada no ser humano mediante o Ego que carrega em seu interior faz de nós um verdadeiro fracasso.

Se não vemos a urgência de entregar a totalidade de nossa existência ao trabalho sobre nós mesmos com o propósito de nos liberar-nos da dupla força lunar, terminaremos tragados pela Lua, involuindo, degenerando cada vez mais e mais dentro de certos estados que bem poderíamos qualificar de inconscientes e infraconscientes.

O mais grave de tudo isto é que não possuímos a verdadeira individualidade, se tivéssemos um centro de gravidade permanente trabalharíamos seriamente até conseguir o estado solar.

Há tantas desculpas nestas questões, há tantas evasivas, existem tantas atrações fascinantes, que de fato costuma tornar-se quase impossível compreender por tal motivo a urgência do trabalho esotérico.

Contudo, a pequena margem que temos do livre arbítrio e o Ensino Gnóstico orientado para o trabalho prático podem nos servir de base para nossos nobres propósitos relacionados com a experiência solar.

A mente volúvel não entende o que estamos dizendo aqui, lê este capítulo e posteriormente o esquece; vem depois outro livro e outro, e finalmente concluímos afiliando-nos a qualquer instituição que nos venda passaporte para o céu, que nos fale de forma mais otimista, que nos assegure comodidades no mais além.

Assim são as pessoas, meras marionetes controladas por fios invisíveis, bonecos mecânicos com ideias volúveis e sem continuidade de propósitos.

CAPÍTULO XXXI

O TRABALHO ESOTÉRICO GNÓSTICO

É urgente estudar a Gnose e utilizar as ideias práticas que nesta obra damos para trabalhar seriamente sobre si mesmos.

Contudo não poderíamos trabalhar sobre nós mesmos com a intenção de dissolver tal ou qual “Eu” sem tê-lo observado previamente.

A observação de nós mesmos permite que penetre um raio de luz em nosso interior.

Qualquer “Eu” se expressa na cabeça de um modo, no coração de outro modo e no sexo de outro modo.

Precisamos observar o “Eu” que em um dado momento tenhamos pegado, urge vê-lo em cada um destes três centros de nosso organismo.

Ao nos relacionarmos com outras pessoas, se estamos alertas e vigilantes como o vigia em época de guerra, nos autodescobrimos.

Você recorda a que horas feriram sua vaidade? Seu orgulho? Que foi o que mais lhe contrariou no dia? Por que teve essa contrariedade? Qual sua causa secreta? Estude isto, observe sua cabeça, coração e sexo...

A vida prática é uma escola maravilhosa; na inter-relação podemos descobrir esses “Eus” que em nosso interior carregamos.

Qualquer contrariedade, qualquer incidente, pode nos conduzir, mediante a auto-observação íntima, ao descobrimento de um “Eu”, já seja este de amor-próprio, inveja, ciúmes, ira, ganância, suspeita, calúnia, luxúria, etc., etc., etc.

Necessitamos conhecer a nós mesmos antes de poder conhecer aos demais. É urgente aprender a ver o ponto de vista alheio.

Se nos colocamos no lugar dos demais, descobrimos que os defeitos psicológicos que a outros impingimos, os temos sobrando em nosso interior.

Amar ao próximo é indispensável, mas alguém não poderia amar a outros se antes não aprende a colocar-se na posição de outra pessoa no trabalho esotérico.

A crueldade continuará existindo sobre a face da terra enquanto não tenhamos aprendido a nos colocar no lugar dos outros.

Mas se alguém não tem o valor de ver a si mesmo, como poderia colocar-se no lugar de outros? Por que haveríamos de ver exclusivamente a parte má de outras pessoas?

A antipatia mecânica para com outra pessoa, que pela primeira vez conhecemos, indica que não sabemos nos colocar no lugar do próximo, que não amamos ao próximo, que temos a consciência muito adormecida.

É para nós muito antipática determinada pessoa? Por que motivo? Talvez bebe? Observemo-nos... estamos certos de nossa virtude? Estamos certos de não carregar em nosso interior o “Eu” da embriaguez?

Melhor seria que ao ver um bêbado fazendo palhaçadas disséssemos: *“Este sou eu, que palhaçadas estou fazendo”*.

Você é uma mulher honesta e virtuosa e por isso lhe vai mal certa dama; sente antipatia por ela. Por quê? Sente-se muito segura de si mesma? Você acredita que dentro de seu interior não tem o “Eu” da luxúria? Pensa que aquela dama desacreditada por seus escândalos e lascívia é perversa? Você está segura de que em seu interior não existe a lascívia e perversidade que você vê nessa mulher?

Melhor seria que se auto-observasse intimamente e que em profunda meditação ocupasse o lugar daquela mulher a quem abomina.

É urgente valorizar o trabalho esotérico Gnóstico, é indispensável compreendê-lo e apreciá-lo se é que na verdade ansiamos uma mudança radical.

Faz-se indispensável saber amar a nossos semelhantes, estudar a Gnosis e levar este ensinamento a todas as pessoas, do contrário cairemos no egoísmo.

Se alguém se dedica ao trabalho esotérico sobre si mesmo, mas não dá o ensinamento aos demais, seu progresso íntimo torna-se muito difícil por falta de amor ao próximo.

“O que dá, recebe, e quanto mais dê, mais receberá, mas ao que nada dá até o que tem lhe será tirado”. Essa é a Lei.

CAPÍTULO XXXII

A ORAÇÃO NO TRABALHO

Observação, Juízo e Execução são os três fatores básicos da dissolução. Primeiro: observa-se. Segundo: julga-se. Terceiro: executa-se.

Aos espiões na guerra, primeiro lhes observa; segundo se lhes julga; terceiro se lhes fuzila.

Na inter-relação existe autodescobrimento e autorrevelação. Quem renuncia à convivência com seus semelhantes, renuncia também ao autodescobrimento.

Qualquer incidente da vida por mais insignificante que pareça, inquestionavelmente tem por causa um ator íntimo em nós, um agregado psíquico, um “Eu”.

O autodescobrimento é possível quando nos encontramos em estado de alerta percepção, alerta novidade. “Eu”, descoberto em flagrante, deve ser observado cuidadosamente em nosso cérebro, coração e sexo.

Um Eu qualquer de luxúria poderia manifestar-se no coração como amor, no cérebro como um ideal, mas ao dar atenção ao sexo, sentiríamos certa excitação mórbida inconfundível.

O julgamento de qualquer Eu deve ser definitivo. Precisamos sentar-lhe no banquinho dos acusados e julgar-lhe sem piedade.

Qualquer evasiva, justificativa, consideração, deve ser eliminada, se é que na verdade queremos fazer-nos conscientes do “Eu” que ansiamos extirpar de nossa psique.

Execução é diferente; não seria possível executar um “Eu” qualquer sem ter-lhe previamente observado e julgado.

Oração no trabalho psicológico é fundamental para a dissolução. Necessitamos de um poder superior à mente, se é que em realidade desejamos desintegrar tal ou qual “Eu”.

A mente por si mesma nunca poderia desintegrar nenhum “Eu”, isto é irrefutável, irrefutável.

Orar é falar com Deus. Nós devemos apelar à Deusa Mãe em Nossa Intimidade se é que na verdade queremos desintegrar “Eus”. Quem não ama sua Mãe, o filho ingrato, fracassará no trabalho sobre si mesmo.

Cada um de nós tem sua Mãe Divina particular individual, ela em si mesma é uma parte de nosso próprio Ser, mas derivado.

Todos os povos antigos adoraram a “Deus Mãe” no mais profundo de nosso Ser. O princípio feminino do Eterno é ÍSIS, MARIA, TONANTZIN, CIBELES, REIA, ADÔNIA, INSOBERTA, etc., etc., etc.

Se no meramente físico temos pai e mãe, no mais profundo de nosso Ser temos também nosso Pai que está em segredo e a nossa Divina Mãe KUNDALINI.

Há tantos Pais no Céu quanto, homens na terra. Deus Mãe em nossa própria intimidade é o aspecto feminino de nosso Pai que está em segredo.

ELE e ELA são certamente as duas partes superiores de nosso Ser íntimo. Inquestionavelmente ELE e ELA são nosso próprio Real Ser muito além do “EU” da Psicologia.

ELE se desdobra NELA e manda, dirige, instrui. ELA elimina os elementos indesejáveis que em nosso interior levamos, com a condição de um trabalho contínuo sobre si mesmo.

Quando tivermos morrido radicalmente, quando todos os elementos indesejáveis tenham sido eliminados depois de muitos trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, nos fusionaremos e nos integraremos com o “PAI-MÃE”, então seremos Deuses terrivelmente divinos, mais além do bem e do mal.

Nossa Mãe Divina particular, individual, mediante seus poderes flamígeros, pode reduzir à poeira cósmica qualquer desses tantos “Eus” que tenham sido previamente observados e julgados.

De modo algum seria necessária uma fórmula específica para rezar a nossa Mãe Divina interior. Devemos ser muito naturais e simples ao nos dirigir a ELA. A criança que se dirige a sua mãe, nunca tem fórmulas especiais, diz o que sai de seu coração e isso é tudo.

Nenhum “Eu” se dissolve instantaneamente; nossa Divina Mãe deve trabalhar e até sofrer muitíssimo antes de conseguir uma aniquilação de qualquer “Eu”.

Tornai-vos introvertidos, dirigi vossa prece para dentro, buscando dentro de vosso interior vossa Divina Senhora e com súplicas sinceras podeis falar-lhe. Rogai-lhe que desintegre aquele “Eu” que tendes previamente observado e julgado.

O sentido de auto-observação íntima, conforme vai se desenvolvendo, vos permitirá verificar o avanço progressivo de vosso trabalho.

Compreensão, discernimento, são fundamentais, no entanto precisa-se de algo mais se é que na verdade queremos desintegrar o “MIM MESMO”.

A mente pode se dar ao luxo de rotular qualquer defeito, passá-lo de um departamento a outro, exhibi-lo, escondê-lo, etc., mas nunca poderia alterá-lo fundamentalmente.

Precisa-se de um “poder especial” superior à mente, de um poder flamígero capaz de reduzir a cinzas qualquer defeito.

STELLA MARIS, nossa Divina Mãe, tem esse poder, pode pulverizar qualquer defeito psicológico.

Nossa Mãe Divina vive em nossa intimidade, mais além do corpo, dos afetos e da mente. Ela é por si mesma um poder ígneo superior à mente.

Nossa Mãe Cósmica particular, individual, possui Sabedoria, Amor e Poder. Nela existe absoluta perfeição. As boas intenções e a repetição constante das mesmas de nada servem a nada conduzem.

De nada serviria repetir: “*não serei luxurioso*”; os Eus da lascívia de todas as maneiras continuarão existindo no próprio fundo de nossa psique.

De nada serviria repetir diariamente: “*não terei mais ira*”. Os “Eus” da ira continuariam existindo em nossos fundos psicológicos.

De nada serviria dizer diariamente: “*não serei mais cobiçoso*”. Os “Eus” da cobiça continuariam existindo nos diversos transfundos de nossa psique.

De nada serviria afastar-nos do mundo e encerrar-nos em um convento ou viver em alguma caverna; os “Eus” dentro de nós continuariam existindo.

Alguns anacoretas de caverna, à base de rigorosa disciplina, chegaram ao êxtase dos santos e foram levados aos céus, onde viram e ouviram coisas que aos seres humanos não lhes é dado compreender; contudo os “Eus” continuaram existindo em seu interior.

Inquestionavelmente a Essência pode escapar do “Eu” à base de rigorosas disciplinas e gozar do êxtase, mas, depois da felicidade, retorna ao interior do “Mim mesmo”.

Aqueles que tenham se acostumado ao êxtase, sem ter dissolvido o “Ego”, acreditam que já alcançaram a liberação, se autoenganam crendo-se Mestres e até ingressam na Involução submersa.

Jamais nos pronunciaríamos contra o arrebo místico, contra o êxtase e a felicidade da Alma na ausência do EGO.

Queremos somente dar ênfase na necessidade de dissolver “Eus” para conseguir a liberação final.

A Essência de qualquer anacoreta disciplinado, acostumado a escapar-se do “Eu”, repete tal façanha depois da morte do corpo físico, goza por um

tempo do êxtase e logo volta, como o Gênio da lâmpada de Aladim, ao interior da garrafa, ao Ego, ao Mim Mesmo.

Então não lhe resta mais remédio que retornar a um novo corpo físico, com o propósito de repetir sua vida sobre o tapete da existência.

Muitos místicos que desencarnaram nas cavernas dos Himalaias, na Ásia Central, agora são pessoas vulgares, comuns e correntes neste mundo, apesar de que seus seguidores ainda lhes adorem e venerem.

Qualquer tentativa de liberação, por mais grandiosa que esta seja, se não leva em conta a necessidade de dissolver o Ego, está condenada ao fracasso.